

ABRIL DE 1908

# KOSMOS

## SUMMARIO

Chronica.....	L. de S.
A Florinda.....	Viriato Corrêa
Trecho de Alma.....	Gonzaga Duque
Estrada de Ferro de Goyaz.....	Gravuras
Diplomacia d'antanho.....	Mario Behring
Transporte dos corpos de Barrozo e Saldanha.....	Gravuras
A Terra e o Homem.....	Lima Campos
Na Fronteira.....	Dionisio Cerqueira
Estrada de Ferro Madeira e Mamoré..	Gravuras
A Exposição Nacional á vol d'oiseau..	Gravuras
A Exposição Nacional (aspectos das obras).....	Gravuras
Os Crysanthemos.....	Luiz Guimarães Filho
Por Darwin.....	Fritz Müller
Tiahuanacu.....	Arminio de Mello Franco
Buenos Aires.....	Thomaz Lopes
A intellectualidade na Argentina e no Brazil.....	Leonicio Correia

*Magalhães*

Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

# A EQUITATIVA

DOS

Estados Unidos do Brazil

Sociedade de Seguros Mutuos  
Sobre a Vida

Auctorizada a funcionar pelo decreto  
n. 2245 de Março de 1896

SEGUROS DE VIDA  
TERRESTRES E MARITIMOS

Negocios Realizados:  
Rs. 200.000:000\$000

Sinistros pagos:  
Rs. 5.000:000\$000

Fuudos de Garantias e Reservas:  
Rs. 8.000:000\$000

Apolices com Sorteio Sememestral  
EM DINHEIRO

Ultima Palavra em Seguros de Vida

INVENÇÃO EXCLUSIVA DA  
EQUITATIVA

Os sorteios tem lugar em 15 de Abril e  
15 de Outubro de todos os annos

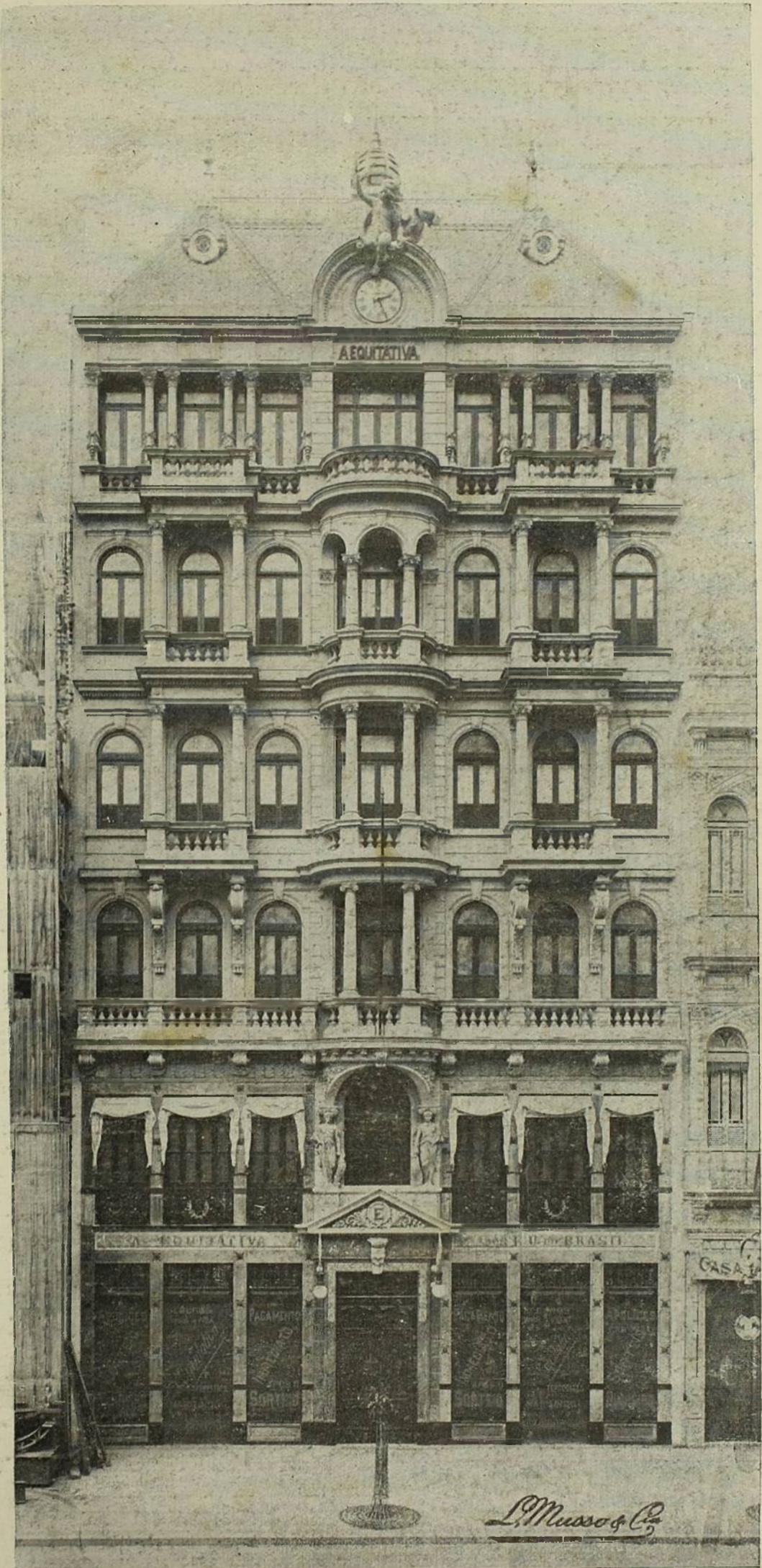
Agencia em todos os Estados  
da União e na Europa

Pedir Prospectos

EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE

RIO DE JANEIRO

125, AVENIDA CENTRAL, 125



**L. MUSSO & C.**

PHOTOGRAPHS

**10 — Rua da Uruguayana — 10**

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica  
Retratos em côres (Monocromos)  
de bellissimo effeito e inalteraveis.

**LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL**

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaboraahy 9, presididas  
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia  
Caução depositada 500:000\$000 em apolices federaes

**Extracções ás 2  $\frac{1}{2}$  e aos Sabbados ás 3 horas**

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria  
da Companhia ou em qualquer de suas Agencias

**SABBADO, 23 DO CORRENTE**

172 — 4º

Por 4\$000 **100:000\$000** Por 4\$000

CAIXA POSTAL N. 41

**38 — Rua Primeiro de Março — 38**

RIO DE JANEIRO

Agentes **NAZARETH & C.**

Rua Nova do Ouvidor, 10



## REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario | ASSIGNATURA ANNUAL | Redacção e Officinas  
JORGE SCHMIDT | INTERIOR. . . . 20\$000 | EXTERIOR. . . . 25\$000 | RUA DA ASSEMBLÉA, 62  
| NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000 | RIO DE JANEIRO

ANNO V

ABRIL 1908

N. 4

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

### CRONICA

○ SORRISO pagão de Flora, nunciando alegrias e luxurias, brilha na curva lasciva dos valles.

Já, das frescas cidades serranas, em bandos festivos, regressam á capital as aristocracias venturosas: a politica, escovando a velhice dos chavões rethoricos; a do dinheiro, ensobrecasada, avidamente enfileirando cifras; a da belleza, estrelluzente de joias, arrastando o luxo macio das sedas

Os politicos, tecendo as teias finas da astucia, vão procurar a salvação da patria em bastidores frustes; desaparecem os capitalistas na poeira dos escriptorios; e, nas ruas e nas praças, voluptuosamente alegrando-as, oscillam as lindas flores que Maio trouxe e passam as lindas mulheres que, á nevoa dos primeiros frios, deixaram as frescas cidades serranas.

\* \*

Não póde *Kósmos*, do portico de Maio, saudar as mulheres que voltam e as flores que renascem, pela voz altissima de quem, entre

nós, mais as ama e melhor as canta. Está enfermo Olavo Bilac, mas, carinhosamente evocado, o seu nome róla por estas paginas como um raio de sol á face ondeante das aguas.

\* \*

Cheias, as mãos, de flores e os labios cheios de cantos, o Mestre, serenamente agradecendo á Natureza eterna o bem supremo da vida, estende sobre todos os seres, á feição protectora de um manto, a sua bondade amovavel.

Não o deshumanizou a divina poesia, e, como os antigos heroes que se fizeram deuses, o Mestre conservou, fechando-se nas aureas torres da Arte, as dubias qualidades humanas. O seu verso, por isso, repercute em maior numero de almas e, desferindo accents correspondentes a mais varios sentimentos, conquistou a admiração fiel de um publico vasto.

Debruçados sobre o seu livro, como sobre a corrente espelhante de um rio, os que sabem sentir e não sabem dizer, assistem, rasos os olhos d'agua, á passagem evocativa das proprias e intimas emoções, reflectidas na vaga harmoniosa das estrophes.

A viva angustia dos seus gemidos, a vibração amorosa dos seus beijos, a loucura delirante das suas alegrias, accordam nos cora-



ções, avassallando-os, antigas paixões que se julgavam mortas, ou que, sempre latentes, jamais floriram.

Em toda a sua obra, a Natureza é sentida com tanto amor e interpretada com tal verdade, que o canto deste poeta pode ser comparado a uma voz que irrompesse, gloriosa, da Terra para celebrar as bondades da Terra.

\* \* \*

Para o jornalismo, que em geral absorve e descaracterisa os artistas, Olavo Bilac trouxe, com heroísmo espartano, as suas nobres intransigências de poeta.

Nas lindas chronicas dominicaes, nos *registros* diarios, em todo o seu trabalho jornalístico, a prosa do Mestre, exaltando, exaltada, as formas varias da Belleza, desdobra-se em periodos esculpturados com Arte brilhante e forte.

E' dos que pensam que na litteratura ha espaço para todas as grandezas. A sua penna, como uma chave de ouro fino, abrindo portas para as justas ambições de artistas ineditos, abre-as com tanta generosidade, que por ellas, com os artistas, entram ás vezes os ingratos.

Gloria ao mestre!

L. DE S.



## A FLORINDA

I

— O Bento? Vem nada. Elle foi para a pescaria no igarapé.

O Marcello aproximou-se:

— Mas tu estás assim como que no ar...

— Não é nada.

A Florinda estava mesmo assim como que no ar. Já por duas vezes se havia levantado para espiar nas frinchas da janella; um rumor de folhas no bananal fel-a erguer-se assustada como uma corça.

— E que tens tu, rapariga?

— Nada.

La fóra a chuva esbordoava a escuridão da noite, noite toda de trevas e ventania, com uma zoadá de galhos entrechocados e um zumbido do vento pela folhada. O céu estava de luto pesado e, quando o relampago pestanejava pela treva o seu clarão laranja, via-se a revolta das nuvens enovelladas a desabar em cargas.

Aqui dentro, por uma gotteira aberta nas palhas do tecto, a agua cahia em gottas numa lata de kerosene, resoando, *tan-tan-tan*.

Havia longinquamente uns gaguejos roucos de trovão. Era Janeiro, a primeira carga d'agua que chegava depois de um dia quente de escalear e de um céu toldado ao poente. Mal escurecera, a chuva cahira. Horas antes dois trovões, desabrochando em ribombos pelo espaço, deram avisos da chegada do inverno.

E ás sete da noite a chuva cahira revoltamente em cachões, como si se estivesse vingando dos dias desabridos de sol, da canicula fuzilante do verão passado. Nem mais uma cigarra cantou no palmeiral e, entre os caibros dos tectos, um bando de grillos estridulou atordoadoramente. Na vespera, o rio dera signal de que o inverno repontara nas cabeceiras: a agua que descia vinha amarellada e barrenta, mais abundante e mais grossa, denunciando o «repiquete» nas nascentes.

Aquella noite assim encharcada e preta, o Bento esperava-a ha dias. A sua grande rede de pescar, desde a vespera que a tinha remendado dos rasgões das pescarias do outro inverno e, mal os dois trovões troaram no céu, sahira a chamar o rapazio visinho para a pesca no igarapé.

Naquella noite devia haver um não sei que diga de peixe. Era sempre nessas primeiras chuvaradas invernaes, com «repiquete» no rio e uma noite de trevas e relampagos, que o peixe entrava para desovar nos confins do igarapé.

E áquellas horas o Bento estava na barra e lá devia passar a noite e o outro dia também, se a chuva não minguasse.

— Se não é medo do Bento, porque então estás assim como que aluada?

Ella não respondeu. Alli, á beira da meza de cedro despolido, o rosto pensativamente á mão direita, um suspiro voou-lhe do peito.

O Marcello pousou o cachimbo sobre a meza e aproximou-se-lhe dos cabellos.

— Que é isso? Já tens uns cabellos brancos!



Ella teve um gesto de desconsolo. Os seus olhos ficaram alastrados d'agua.

— São os meus peccados...

Calou-se e, com um estremecer do seio entre o casaco, falou depois:

— O que me dóe é o Bento. O Bento que não sabe de nada. Elle que me quer tanto bem, coitado!

O amante levou o cachimbo á bocca, vagamente aturdido por aquellas palavras.

— Mas tu estás hoje, assim atoleimada. Que diabo te lembraste do Bento! Elle não sabe de nada.

— Sim, mas um dia...

-- Ora, não penses nisso...

Não pensar nisso?! Era o seu sobresalto, o seu fremito constante de inquietação. Não havia um dia que não esperasse o marido a surprehendel-a nos braços do amante: o matto tinha olho, as paredes ouvidos, e principalmente os mattos d'aquella aldeia bisbilhoteira e intrusa, em que a vida de alcova de toda a gente era como um trecho de estrada que todo o mundo pisava.

— O que me dóe é o Bento ser tão bom...

— Ora, deixa-te disso!

A chuva, lá fora, zoava com a ventania. Num alagadiço, nos fundos do quintal, um aluvião de sapos rompeu numa cantiga tristonha. Pelas frinchas da janella varavam uns respingos d'agua.

Florinda sentia um sopro de frio entrar-lhe pelo seio e, voltando-se para o amante, pediu inquietamente:

— Vamos apagar a luz?

— O' xentes! Vamos.

Elle mesmo soprou a lamparina. O quarto cobriu-se de escuridão.

Ella sentou-o nas pernas, apertando-o nos braços bonitos de morena, quasi numa supplica:

— Tu gostas de mim?

— Gosto, sim!

— E se alguém me quizesse matar?

O amante cercou-lhe a cinta com o braço.

— Deixa de bobagem! Não fales em morte.

Um morcego esvoejou-lhes por cima da cabeça. Florinda num grito ergueu-se, tremendo na escuridão.

*Tan, tan, tan*, continuava da gotteira a agua a cahir na lata.

## II

Ella bem sabia porque estava a falar em morte. O seu medo não era do Bento, mas do Pedro Trabuco, a sua primeira paixão de adultera.

A historia d'aquelle amor vinha de longe, dez annos a traz, quando ella tinha apenas dois de casada.

Fora numas patuscadas de colheita, na debulha do milho, pelo tempo morno das cigarras... Era num terreiro branco, muita gente debulhando e um cheiro bom de bogaris em toijas... O céu estava como que a cahir de tanta estrella: tudo quanto era constellação pulsava em cima, a via-lactea era como um grande filão de leite derramado...

Num cantinho do espaço, o leve rasgão da lua nova brilhava.

Era uma dessas noites allucinantes do norte, toda coberta de aromas na terra, toda constellada de estrellas no céu. Havia dois mezes que o Bento seguira para as brenhas do sertão, a tratar a compra de uma boiada. E ella já não resistia mais á solidão do seu quarto sem homem.

O Pedro Trabuco veio como viria um outro qualquer, surprehendel-a nas ancias de mulher sensual e nova, nos frenezis de um temperamento esfogueado de esposa bonita de quem o marido viaja.

Começou a coisa por um nadinha. Ella estava no olho d'agua a lavar umas roupas, quando o Pedro por alli appareceu de espingarda ao hombro, como quem caçava.

— Desculpe.

— Está desculpado.

Mas o Pedro não se afastou. Sentou-se num tronco de palmeira e ficou despreocupadamente a conversar.

Ella estava apenas com um cabeção passado sobre os seios, uma tanga á cinta e a metade do corpo mergulhado n'agua. Os cabellos haviam-lhe cahido pelos hombros macios de morena e, com os braços de fóra, aquelles lindos braços que no tempo de solteira o povoado inteiro cantou á viola, ensaboava uma camisa. O cabeção, molhado, grudava-se-lhe a carne, desenhando-lhe a tumescencia sadia dos peitos.

O Pedro, a dez passos, com a espingarda atravessada sobre as pernas, tagarellava sobre caça. Ella estava tremula, esquerda e confundida, sem responder áquelle homem que assim a surprehendera em trajes intimos.

Elle calou-se afinal. O sol cahia por entre as folhas, esmiuçalhado pelo chião. Havia a doce mornidão das fontes nos dias estivaes. E ella se foi acostumando á presença do Pedro; uma onda bravia de sangue que lhe latejou no seio fel-a lembrar as noites de tedio passadas sem o Bento, nos fremitos de rapariga de dezoito annos que desmaia á caricia quente dos beijos.

E levantou os olhos. O Pedro fitava embebidamente como se estivesse a mordel-a com o olhar. Baixou de novo a cabeça.

Elle, um pouco confuso, disse-lhe com um sorriso medroso:

— Você sabe?! Outro dia na festa eu tive vontade de cantar uns versos que arranjei quando



você era solteira. Mas a viola quebrou o bordão. Foi bom mesmo, o Bento podia brigar...

Ella teve uma chamma ardente nos olhos.

— Como é o verso?

— Não digo.

Florinda não disse palavra. Aquelle homem estava alli por causa della, no enlevo de sua paixão, na seducção de seu corpo moreno e moço de mulher. Fizera-lhe versos em solteira... E quem sabia se aquelle coração que alli estremecia, não estremeceria por ella, transbordante de amor, numa dessas paixões surdas, que á noite nos abala o peito numa violencia formidavel de soluços. Elle amava-a e tanto era assim que d'alli não se levantava, com os olhos chumbados em sua carnadura rosada, que o sol, coado pelas folhas, respingava de brilho.

— Os versos são bonitos... arriscou de novo o Pedro.

— Então diga.

Houve rumores de passos, lá em cima, na barreira.

— Vá-se embora, gritou a Florinda.

O Pedro não deu palavra e sumiu-se na espessura do arvoredado.

Foi assim que começou. Um nadinha.

E, naquella noite estrellada, na debulha do milho, no tempo morno das cigarras, ella não resistiu. O Bento ainda não havia voltado... E foi por volta da meia noite, á sombra de uns tamarindos carregados de flor, que o Pedro lhe recitara aos ouvidos os versos que fizera para cantar á viola, no tempo em que os tropeiros lhe cantavam os braços.

O Bento voltou. Ella já se havia arrastado ao peccado e deixou-se ficar. A vertigem passou logo nos primeiros mezes, mas os encontros continuaram por oito annos, n'aquella monotonia de obrigação, n'aquelles bocejos de carne enfarada de outra carne, já sem ardores e sem impetos, numa frieza semsaborona de officio.

Ha dois annos que haviam acabado com aquillo. Foram umas palavras duras do Pedro que a magoaram. Ella passou seis mezes fiel. Veiu o Marcello. Cahiu por bem dizer por habito, pela fraqueza de mulher casada que se deixa levar a segunda vez porque se deixou a primeira.

E ha mezes que o Pedro andava desconfiado, com ciuadas. Todo o seu amor antigo chammejou em colera; fez ameaças tremendas e, na vespera, encontrando-a no olho d'agua, jurou matal-a nos braços do amante.

E agora, por aquella noite de tempestade e trovões, elle que bem sabia do Bento no igarapé, era bem capaz de lhe vir bater á porta como nos outros tempos.

E ella tremia. O Pedro faria um estoiro qualquer e o Bento acabava por saber. Toda

a sua vergonha era que o Bento soubesse. Ha doze annos que a erguera limpidamente na sua paixão tranquilla de boi de carro, na serenidade de um respeito todo feito de socego e bondade, respeito por aquelle rosto bonito que o inebriava, por aquelles braços cantados que lhe faziam affagos. Ella sentia que era para elle uma alegria e um orgulho: via-o na sua indolencia de homem gordo vibrar com o seu beijo, via-o com a vida cheia de repouso como quem já tinha alcançado na existencia a crystallisação de um ideal. Era todo della, para ella vivia, e morria de amor por ella... E tudo isso num culto paradisiaco, numa submissão respeitosa de idolatra.

E se viesse a saber!... Ella com dois amantes!... — E o que lhe magoava a alma era a dor que o pobre viria a sentir ante a surpresa de verdade, elle que sempre a tivera fiel e bôa como uma santa...

Na lata a agua continuava a cair — *tan, tan, tan...*

O vento lá fóra esfarrapava a folhagem.

Florinda aconchegou-se mais ao peito do Marcello, soluçando.

— Se me quizessem matar, que tu farias?

O morcego esvoejava ainda na treva, tombando pelas paredes.

### III

— Florinda! Florinda!

la alta a noite. A chuva havia amiudado. Lá fóra o vento continuava grunhindo tempestuosamente na folhagem. Pelas gretas da janella entravam largos filões de relampagos. Do alagadiço a ventania trazia o coaxado dos sapos.

— Florinda! Florinda!

Ella ergueu-se de um salto como uma cabra, o ouvido á escuta. Batiam de leve na janella, com os dedos:

— Florinda! Florinda!

E, em camisa, veiu até perto escutar. O seu rosto estava velho de susto.

A voz era do Pedro, aquella mesma voz de outr'ora, que lhe vinha chamar nas noites em que o Bento sahia.

E ficou aturdida no meio do quarto, extatica, os olhos fuzilando na escuridão. Como ia ser aquillo? Ella com o Marcello na cama!

— Florinda! Florinda!

Lá fóra a voz chamava-a mais insistente e mais alta. Que ia fazer, virgem Maria?! O Pedro a mataria, de certo, na explosão de sua colera, no delirio de seu ciume. E o Bento saberia...

E veiu metter-se na cama, silenciosamente. Faria que estava dormindo e talvez o Pedro se cansasse de bater e fosse embora. Ardia-lhe a cabeça em brasa e todo o corpo tremia gelado.



— Florinda! Abre.

Agora sentia o bengalão do Pedro bater na janella.

Entravam pelas frinchas uns bafos frios do vento a zoar. A cantiga dos sapos chegava tão clara como se elles estivessem cantando alli perto da cama. *Tan-tan-tan...*

— Abre! Abre!

O Marcello acordou sarapantado.

A janella de subito escancarou-se. Dentro do quarto um vulto saltou. Um relampago abria-se pela treva e poz o quarto numa aurora.

Florinda cahiu, num grito, redondamente ao chão.

Era o Bento.

VIRIATO CORRÊA.



## Trecho de Alma

ERA de vel-os, agora, cada um na ruina dos setent'annos, nas suas carquilhas de mascarás macilentas, pupillas ciriaes, concentrações nostalgicas na melancholia morna das posturas... Era de vel-os, agora, os dois velhinhos cabeceando, cada qual para o seu canto, sem palavras, acarneirados e mansos.

Tinham vindo juntos da primeira idade, crescido pelo mesmo tempo sob os mesmos tectos de canelleiro envernizado do casarão rico do pai de Dona Emerenciana, desta silenciosa e tremula avósinha que ali está na sua poltrona de marroquino verde-sombrio, n'um asseio digno de chitas modestas, a cabeça branca como um fructo de paina aberto ao sol.

A' distancia, no recosto da baloiçadora de faia, frente á varanda alpendrada de ladrilhos, onde bigoneas se mosquêam de prata n'uma sombra suave, o primo Luciano, mãos cruzadas sobre o ventre, persiste no seu cacoête senil de deglutir as gengivas desarmadas; e os dois velhinhos, por este languor de tarde d'oiro a descer, isolados n'este interior de habitação calma, amaciado por uma penumbra neutra de recolhimento, teem alguma cousa de recordativas figurinhas de uma téla burgueza de mestre flamengo.

Risadas francas de mocidade feliz, vozear de garrulice feminina, que se entrechoca no chromatismo alegre das futilidades, animam o luxo discreto de uma sala proxima; mas, subito, por entre o segredar de intermitentes pausas, o primo accorda sob os dedos de alguém, e, por fim, sonorisa revivendo a alma somnambula e ardente de Chopin.

Um momento as pupillas bruxoleantes de Dona Emerenciana sorriem velhinhas, procuram as pupillas baças e doloridas do primo Lu-

ciano e com uma voz abafada, de duende, ella murmura: — Recordá-se, primo, do tempo em que eu sabia esta walsa?... recordá-se?...

Ha um clarão de sangue na calva do velhinho tremulo, a estriga de seus cabellos scintilla, e, como outro phantasma, move-se no seu canto, mas não fala, accusa tristemente, n'um gesto de cabeça, que sim... E ambos se quêdam outra vez, nostalgicos e silenciosos, cabeceando com oscillações de esboroamentos ameaçantes, cada qual no seu canto.

«Ah! porque Dona Emerenciana veio despertar o échio desse velho orgão de sua alma?... (Elle pensa)... Porque veio reanimar esta ruina desamparada!...»

Então, enquanto o piano canta a morbidez sensual do pallido sonhador das walsas, destrelhando, na serenidade d'este descer vagaroso de tarde d'oiro, a evocação dos beijos que perfumaram, cahidos e soluçantes, os longos bandós romantics da George Sand, em noites estivaes de Valdemosa, em serenadas de Nohant, esboçava-se pelo crepusculo reminescente do velho Luciano esse passado de cincoent'annos áquem, n'uma leveza dulcissima de apparição esgrafiada, subtil e esvaída, em tons chloriticos de sépias seculares, restantes no retabulo esquecido de mosteiro desmantelado.

«Se elle se recordava!... Que era esta musica senão o despertar da sua alma emocionada á mais leve vibração? da sua alma styletilizada de recordações dolentes que a menor sensação fazia gemer como surdinas de uma escarvada, diluida placa phonographica?!... E não se recordaria!... Ora!... se elle neste instante, olhos absortos, estava revendo toda essa existencia, ia percebendo no esfuminhamento da visualidade a reconstrucção d'esse tempo!...

«...E era, lá longe, o corpo infantil da prima, e eram os salões silenciosos do casarão onde cresceram, a rispida figura azafamada e caseira da tia, a bonhomia rotunda do commendador Vargas, o pae de Dona Emerenciana... todos os personagens, todo o scenario dessa distancia!...



«Um dia... se se recordava!... Um dia, inesperadamente, os labios de Dona Emerenciana tremeram ao pronunciar o seu nome e elle tambem ficou n'um aturdimiento ao fital-a.

«Que tinham elles, então?... Que mysteriosa bruxa viera, sorrateira, noite a dentro, fundindo-se com o silencio das alcovas, derramar-lhes o estranho philtro que os transformára? Certo era que, a cintura da prima se fizera mais delgada e a fazenda do corpête entumecera em dois pequenos desejos, certo era... e tão certo como, de vespera, elle estivera a contemplar a plastica suggestiva de uma Diana Caçadora que, até aquelle momento, vivera á sombra das murteiras, n'um retiro bucolico do jardim, na sua brancura amarellenta de marmore abandonado!...

«Dir-se-ia a resurreição de um cataléptico, o termo de uma lethargia de casulo, esta percepção de vida que se desencantava da fragilidade innocente da prima em esveltas redondezas de mulher, que se insinuava no seu entendimento de moço pelas fórmas desnudadas da estatua, havia tantos annos ali guardada no bem cheiroso nicho de ramarias verdes!... Foi n'esse tempo que partiram, trilhos oppostos, para os pensionatos. A elle enclausuraram-o n'um collegio de allemães, n'agrestidade tonica de uma serra por onde rolavam cascatas e nevoeiros adormeciam por toda a triste lentidão dos mezes hybernaes. De anno em anno volviam á existencia em commum, sob os tectos de canelleiro envernizado do casarão rico, mas por fugitivos, galopantes dias de ferias parcas, á guarda zeladora da tia severa. Mais tarde, muito mais tarde...»

E, o velho Luciano recosta-se á baloiçadora n'uma volupia de bem-estar, cerra as palpebras gosando desse vagaroso rememorar, penetrado deliciosamente d'elle, como se melhor o sentisse n'esta indolencia de sésta, quasi a sorrir:

— «... Mais tarde... Por onde deixára elle os mysterios da bruxa sorrateira que, noite alta, lhe tinha derramado o estranho philtro?...

Suave ingenuidade! suave e consoladora... Mais tarde teve de partir para a conquista de um pergaminho. Fôra-lhe marcada uma terra longinqua, na torrida visinhança do Equador, onde vivia em abastança um parente de seu fallecido pae. A par' da trazia-lhe a idéa de um apartamento longo, de uma distancia angustiosa, mas assim exigiam d'elle.

«No emtanto, nesse dever a cumprir, nesta ordem imperiosa a respeitar, havia uma etherisação serena de horisonte, — a providencia de uma recompensa — que se irradiava, se a prima punha sobre elle a clemencia dos seus lindos olhos azues:

«... E pelas meditativas vespervas da viagem, n'um inesperado descuido da vigilancia tutelar, elles se encontraram sós, no salão. Era por um descer sensualisante de tarde, quente de sol, toda aërisada d'uma limalha d'ouro de poente que se enriquecia de purpuras, tal o descer vagaroso da tarde de hoje... Dona Emerenciana, aos dezoito annos, possuia os mais incomparaveis olhos azues, uma cabelleira classica de castellã rhenana pendia em tranças sobre as cassas dos seus ricos vestidos decotados, á moda da época... e, a scismar, seus lindos dedos de moça ponteavam o teclado do piano, revivendo as doloras sensuaes de Chopin, esta mesma walsa que ondulava lá pela sala n'um revoltar de folhas outonaes, em alamêdas sombrias de um parque melancholisado.

... Elle a ouvia, religiosamente attento, a virar, de vez em vez, as folhas da partitura... E essas notas iam entrando em sua alma, encenando á sua imaginação a melancholia outonal de um bosque por onde uivam as primeiras rajadas desalentadoras, levantando a ronda da folhagem secca que tomba dos troncos recurvos, que tomba dos galhos taciturnos, minuto a minuto, tremulas e desamparadas, como lagrimas... E as rajadas soluçam, varrendo as aléas, batendo as varas das ramarias esqueleticas.

... E a ronda recomeça, sóbe pelo arrepio do ar finissimo, demora no espaço, incerta: as folhas resequidas se encontrãem em asperos estalidos d'azas hostis, prendem-se em grupos de borboletas noivando, dispersam-se depois, de novo revolteando, de novo ondulando, passando, enchendo o isolamento com o murmuro confuso dos amores, com os sussurros morrentes dos beijos que ali espiritualisaram a florescia das primaveras... das primaveras passadas... das primaveras extinctas...

«Houve um instante em que a prima levantou o sonho das suas pupillas para elle, enervada por esta musica que seus dedos iam tangendo... e tanta alma ellas tinham que elle, esquecido das laudas da partitura, balbuciou uma despedida sentimental, vaga e languida como as notas que o teclado feria... Que dissera? Nem se lembrava! mas fôra o quer que fosse de macio e terno, errante e tentador, que se fizera voz dessa walsa, que alma se tornára dos proprios sons, tanto se envolvia no chuveiro prateado de nocticulos despejado da vibração cantante das cordas instrumentaes! E, instinctivamente, seus labios bicaram attrahidos pelo mesmo encanto, unidos collaram-se ardentemente, e unidos gosaram deliciosamente de uma nupcia candida como duas corollas unidas... Logo ambos tremeram, rubros e crimosos. O piano soluçou sob os dedos de Dona Emerenciana... Oh! não; não foi um



solução!... foi um écho de arrulo manso e tenue que subio, na entrecortada syllaba de uma promessa, por sua garganta de virgem á febre desejosa da sua bocca de anjo. E — para sempre? Para sempre. Disseram, em juramento.

«... Para sempre!» gemeu a alma do tremulo velhinho, a cabeça a oscillar, incredula e triste. Para sempre!...

E elle teve a prova dessa constancia, selada por um beijo de adeus, na noticia do casamento da prima dois annos depois. Atravez cincoent'annos, inda sentia a dôr que o atordou por uma radiante manhã de sol e de cigarras. Varára-o, inesperada, em quatro palavras do parente abastado, após a leitura de uma carta.

E o velho Luciano fica-se a pensar n'esse medonho desabar de ideal que o levou aos tropeços pela mocidade, escorraçado e infeliz, arrastado nos vortilhões phosphorejantes das orgias. «Que fizera de loucuras?!...» Medita, procurando com os olhos as sombras afflictivas d'essa tormenta infernal. Mas, tudo se fôra, esvaecêra nas brumas da longitude. E encolhe se dentro de si mesmo, n'uma desillusão

— «Que loucuras!... Para que?... e por que?...

Ah!... esta pergaminhenta velhinha que ali está na sua poltrona de marroquino verde-sombrio, a cabeça branca como um fructo de paina, tremendo ao fremito das aragens por onde a Morte passa, possiura a empolgante belleza raphaelesca das Virgens, a que o aroma acre dos hysterismos exuberava em tentações de cenobita!... E annos decorridos, e annos escôados, quando elle voltava torturado como um zingaro sem patria, vincos de cansaço na bocca profanada e má, encanecido pela febre

dessa paixão, celibatario e annullado, encontrou-a riscada d'engelhas, consummida, socegada no seu canto de mumia, a gaguejar caricias com os labios flacidos que babujavam a cabecinha infantil dos netos...

E o piano, subito, parou.

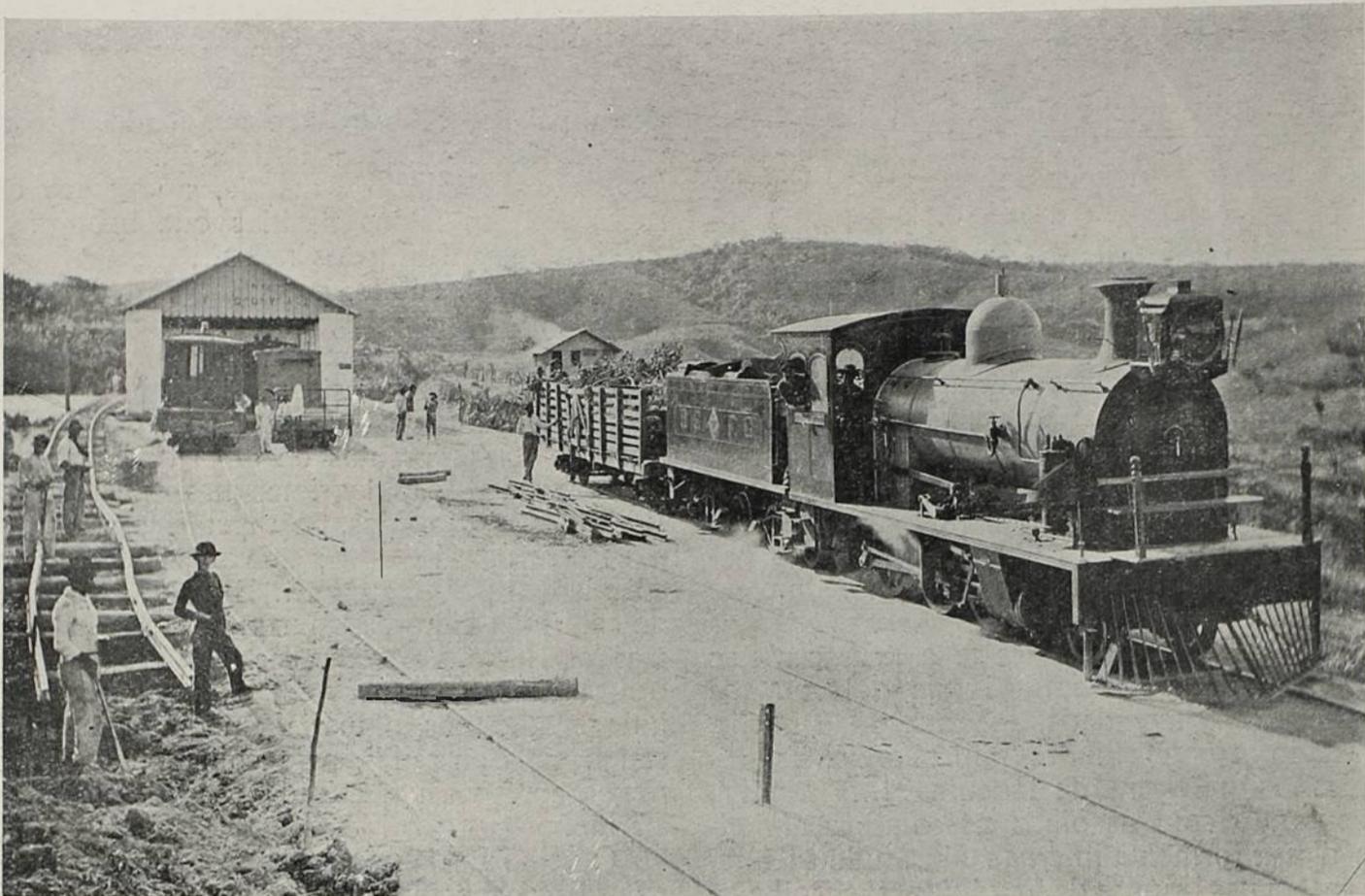
Treme, pelas salas, um repouso a desdobrar-se, d'onde gottejam ainda, por instantes, as notas irisadas d'esta musica, que se dilúe n'uma erradia nevoa de sonhos, sem que se saiba se foram prantos de gôso que sorriram, se foram doloras lagrimejantes que rolaram. E o silencio cáe. Mas, de repente, outra vez a palrice estala, lá dentro; as vozes crescem; taccões batem pelo corredor... E n'uma apparição de coloridos claros, assomam á porta duas raparigas ridentes e tagarellas. Um aroma enche o ambiente. E ellas correm para a avósinha, a indagar de uma ninharia em discussão, atracando-se, ás risadas, para colherem mais de pressa a resposta que cada uma deseja, n'um alarido.

O velho Luciano volve, de vagar, as pupillas entardecidas para a velha prima: Ella sorri ás netas, bondosa e paciente, envolvida n'esta ruidosa alegria de mocidade, feliz por sentir-se querida destes dois seres que vieram d'ella, que serão a perpetuidade do seu sangue, alhejada do mundo pela completação do seu dever de mulher, esquecida do que se ficou para traz, nas quebradas do passado, sem mesmo guardar lembrança de que, talvez!... houvesse deixado um rasto de saudades desfolhadas, desfeitas nos esborôos de uma alma, como as grinaldas funebres que se desenmastram e se confundem, sem jámais desaparecerem na terra santa das çóvas.

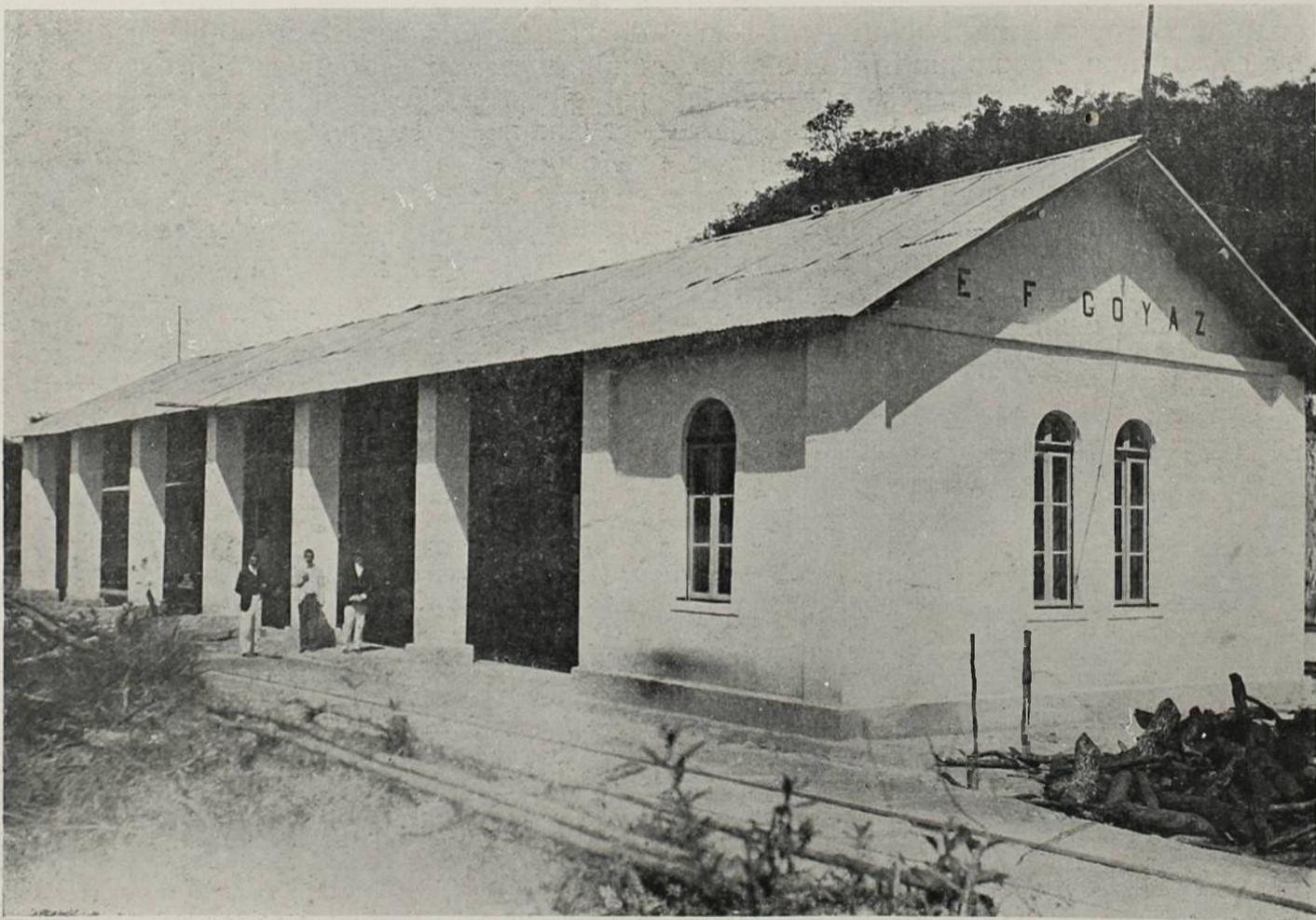
GONZAGA DUQUE.



# ESTRADA DE FERRO DE GOYAZ



PHOTOGRAPHIA TIRADA NO BARRACÃO POR OCASIÃO DA LOCOMOTIVA N. 2



DEPOSITO DAS LOCOMOTIVAS — EM FORMIGA



ESTAÇÃO DE ARCOS



ESTAÇÃO DE ARCOS





## Diplomacia d'antanho

**A** GORA que tanto se tem falado em D. João VI, a proposito do centenario da abertura de nossos portos ao commercio mundial, procurando seu vasto nucleo de admiradores, qual mais enthusiasta, descobrir-lhe novas qualidades, de modo a mais facilmente escorrerem das arcas do Thesouro as sommas destinadas á erecção do monumento que na Camara lhe promove o Dr. Eloy Chaves, cabe perfeitamente aqui um estudo sobre a sua diplomacia.

Não que seja nosso intuito relembrar os vultos dos representantes de Portugal nas diversas cortes europeas, que a isso nos não abalancaríamos, tanto mais quanto promettido como está o livro do Sr. Oliveira Lima sobre aquelle monarcha, é de esperar que não seja das menos perfectas a parte consagrada aos Palmella, aos Linhares, aos Funchal, aos Conde da Barca e outros que com mais ou menos brilho formavam ao lado dos Metternich ou dos Talleyrand em congressos celebrados.

Se dos poetas se diz que por poetas devem ser lidos, com maior copia de razões se deve dizer que diplomatas por diplomatas se devem ler. Só assim alcançaremos talvez a verdadeira premaxia ventura de comprehender como as subtilidades de delicadas *causeries* podem resultar soluções para os graves problemas que uns contra outros atiram povos que os interesses desunem.

Mais modestamente nós queremos mostrar como D. João, regente, ao tempo, de Portugal, Brasil e Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, Senhor da Guiné e da conquista, commercio e navegação da Ethiopia, India, Persia e Egypto, etc., etc., cuja fama se extendia de um a outro hemispherio, mesmo dos regulos africanos recebia missões especiaes, procurando, embaixadores de negociantes de escravos, avidos da aguardente do Brasil, disputar, a honra de em seus portos receber os navios destinados ao trafico do gado humano.

Em 1795 chegou á Bahia a corveta *Santissimo Sacramento e S. Francisco das Chagas* conduzindo dous embaixadores do rei do Dahomey, acompanhados de um interprete.

Não é que fosse pomposa, pois mais comitiva não trazia, porém apesar dos diplomatas dahomeyanos não trazerem vistosas fardões multicores recamados de oiro, antes um simples panno da Costa á guisa de vestuario, D. Fernando José de Portugal, mais tarde Conde de Aguiar, governador e capitão general daquelle capitania, attendendo á qualidade dos

hospedes illustres esmerou-se em cortezias; percorrendo os archivos da capitania lá achou dito que em 1756 outra embaixada semelhante fora hospedada em um convento; immediatamente installou os embaixadores e o seu interprete, depois de competentemente vestidos, naturalmente para evitar o escandalo a tão piedosos hospedes, no convento dos frades franciscanos, com a idéa por sem duvida de que em tão selecta companhia os pretinhos ganhassem em compostura o que em selvageria perdessem.

Não sei si foram contentes os frades com os illustres diplomatas que honravam o convento, não destinado á hospedagem de tão conspicuas pessoas, que nos documentos, que li, nada achei a respeito. Mas o certo é que no primeiro navio para a Côte sahido, despachou o insoffrido D. Fernando a embaixada, consignando-a ao Conselho Ultramarino, que entre outras attribuições, parece, tambem tinha esta de introductor de embaixadas, africanas ao menos.

Levavam os embaixadores uma mensagem ao Principe; não direi que fosse autographa como é de uso entre gentes que se dizem civilizadas; os senhores reis pretos, em geral, não entendiam dessas cousas do alphabeto. Quando apanhavam algum branco desgarrado, mettiam-no a ferros e davam-lhe a honra de o nomear *capitão real*, para quando fosse necessario. Não assignavam de cruz o que aliás acontecia a muita gente boa, por aquelles arredados tempos e disso nenhum mal advinha ao Estado.

Nella o rei pedia uma porção de cousas, mas principalmente que o commercio fosse feito exclusivamente nos seus portos e não nos vizinhos, de seus rivaes em commercio de carne humana.

Não teve exito a missão. Verdade é que D. João a recebeu como convinha a um principe com tantos titulos e a enviados de tão alto monarcha. Foi bem regular a sangria que soffreu com a estadia da embaixada a Fazenda Real, pois ao que parece não estava nos habitos diplomaticos das gentes do Dahomey ter verba de representação. Hospedados os embaixadores em uma casa de pasto de primeira ordem, como o affirmam os documentos, naturalmente pela rebeldia de estomagos nada habituados ás victualhas da mesa lusitana, um dos embaixadores enfermou e morreu. Morreu christamente, pois teve á sua cabeceira senão o Patriarcha de Lisboa, como convinha á sua elevada categoria, ao menos um dos numerosos bispos *in partibus infidelium* que então havia. Foi baptisado; deram-lhe o nome nada pequeno de D. Manoel Constantino Carlos Luiz, indicativo de fidalguia de alta extirpe. Fizeram-lhe um enterro pomposo. E o seu companheiro, de mais solido estomago, indubitavelmente,

voltou á Bahia, da Corte trazendo, além de gratas recordações, um grande numero de caixotes contendo presentes com que S. Magestade Fidelissima procurava entreter a amizade de S. Magestade dahomeyana.

Quem não ficou muito satisfeito foi D. Fernando, quando viu chegar outra vez a embaixada na corveta *Nossa Senhora da Gloria e Santa Anna*. O embaixador restante encherá-se de vaidosos fumos com as honrarias de que fôra alvo na Corte. E começou a tratar D. Fernando por cima do hombro.

Eram exigencias e mais exigencias.

Queria dinheiro «para todos os seus vicios» dizia o alarmado governador.

Da Côrte lhe haviam recommendado, promovesse o casamento do embaixador com alguma filha da Bahia.

Mas parece que as mestiças viraram tanto a cabeça da fragil diplomata que elle já não se contentava com uma só; queria todo um harem.

Debalde procuravam convertel-o á boa razão dous piedosos frades que de ordem d'El Rei o acompanhavam para o christianissimo fim de propagar a Fé no Dahomey.

O embaixador, muito convencido de que a gente como elle, é dado fazer o que bem lhe parece, fazia ouvidos de mercador e proseguia em sua vida peccaminosa.

Depois mettia-se no palacio do governo para entreter D. Fernando com sua honrosa palestra sobre assumptos varios. O governador escutava o diplomata com paciencia, mas *in petto* rogava aos ceus, impaciente, que chegasse a monção favoravel para despachal-o, barra fóra, de torna viagem. Chegou por fim o dia do embarque; procuraram o embaixador mas elle se havia ecclipsado. Pesquisa feita, foram achal-o afinal mettido a bordo de um navio que se destinava a Lisboa. E meio por vontade meio por força, usando D. Fernando dos ultimos argumentos diplomaticos, conseguiu por fim devolver o embaixador ao seu legitimo soberano.

Nada consta do modo porque foi feita a sua recepção no Dahomey; se por bons serviços prestados teve largas recompensas. E' provavel. Depois um preto viajado deve ser uma cousa preciosa naquelles adustos sertões. Por certo morreu serenamente, em honrada velhice, respeitado, narrando ainda aos seus os episodios da sua jornada ás terras d'alem mar as honrarias de Lisboa e o feitiço das bahianas.

Mas com a embaixada nada ganharam os mestres dos navios empregados no trafico do gentio, nem as feitorias portuguezas sempre expostas ás incursões dos regulos africanos.

Mas os presentes de D. João acabaram tambem. Um outro rei subira ao throno do

Dahomey. E fosse que lhe tivessem contado a sorte da outra embaixada, fosse por se assegurar os proventos do trafico com os negociantes portuguezes, resolveu elle enviar tambem uma embaixada a Lisboa.

Partiu ella com destino a Bahia onde chegou em 1805. — Governava aquella Capitania D. Francisco da Cunha e Menezes que honrosamente recebeu os diplomatas dahomeyanos. Eram dous; traziam como interprete o Innocencio Marques de Sant'Anna que fora captivado na guerra entre o Dahomey e o reino de Ardrá, e mais um conductor. Chegou a embaixada em Lisboa e foi recebida pelo Conde de Anadia, ministro da Marinha e Ultramar.

A mensagem do rei de Dahomey, por curiosa, damol-a na integra:

«Ao Muito Alto e Poderoso Senhor D. João Carlos de Bragança.

Aboumé 20 de Novembro de 1804 an.<sup>s</sup>

Meu mano e Senhor.

Grande gosto terei eu Adandozam, Rei deste pequeno Dagomé se esta minha unica via for aceita assim como foi a do Defunto Senhor Meu Pae a quem os Deuzes Voropou tenham com todos os seus Estados para honra minha e de todo este meu Povo.

Meu Amavel Mano; ha muito tempo que fiz patente ao Meu Grade Deus Leba que pelos seus grandes poderes lá no logar, onde habita, que levasse em gosto, e louvasse a amizade, que eu desejo ter com os Portuguezes, e juntamente o offerecimento e trato que queria fazer sem faltar ao ponto da minha Religião, e assim como tudo me concedeu, faço eu saber a vós em como ha muito tempo que desejo eu enviar estes meus Embaixadores; e como não tenho tido pessoa capaz, em quem fizesse firme conceito quiz a minha fortuna que mandando eu no tempo *suim* a 7 de Setembro de 1804, pela conta dos Estrangeiros, mandasse eu uma guerra ás Praias de Porto Novo ou Arda, por causas que temos de varias palavras ao nosso costume; acharão os meus tres navios Portuguezes; e como he costume entre nossas Nações captivar e apanhar tudo quanto se achar no dito conflicto quiz a minha fortuna que eu apanhasse este, que agora digo por nome Innocencio Vacala, por assignatura e confissão que lhe fiz fazer soube por certo o ser Portuguez e como eu determinei acampar dez mil homens para ir outra vez sobre os meus contrarios; porem pela amizade, que desejo ter e os mais tratos foi requerido por este dito com razoens fortes, dizendo-me que elle hera hum humilde Vassallo de seu Senhor Principe de Portugal, e que por tanto queria debaixo da minha ordem ir fazer retirar os ditos; pois tornaria a recolher-se, como captivo meu até vir resgate de seu Soberano Senhor. Eu como tal soube e



queria experimentar as razões que dava, sempre chamando pelo Amavel Nome do Senhor Meu Mano, quiz saber com certeza quem tanto se lembrava de seu Senhor; mandando eu fazer Junta de todos os meus Aquílones para verem a constancia de hum pequeno Vassallo; e onde vim a louvar e conhecer com certeza quem são os bons Portuguezes; porque mandei vir toda a minha pequena Nobreza á Honrada Casa do meu Grande Deus Leba verem jurar hum Portuguez e onde mandei vir o dito para o meio de 300 soldados armados, fazer perguntas ao dito e dar firme juramento pelo meu grande Deus; e como o dito me requereu que não podia jurar daquella sorte, e que só juraria pela Real Coroa de seu Soberano, ou Retrato conhecido, e que não só jurava como tambem offerecia-se a morrer. Eu como me achava na dita occasião com quatro Rezes (*Reis*) Vassallos meus, e todos louvarão muito as ditas razões, fiz trazer a estimada Bandeira Portugueza, que concervo com muito gosto para o dito dar tres juramentos sobre as verdadeiras Divisas ou Signaes, e como o dito assim que a viu prostrou-se de joelhos e jurou com muito contentamento, de que eu e os mais Rezes louvamos muito a boa acção, e portanto fiz matar onze Homens, em que fiz aviso ao Senhor Meu Pai da boa acção deste Vassallo e que portanto queria eu ter com o Senhor meu Mano todos os tratos que fossem possiveis, assim como abrir as minhas Minas de Ouro que ainda estão em segredo; e portanto como achei este bom conductor para ir com os meus e tambem cheguei a ver tres vias que paravão em poder do dito e como soube ser certo virem aquellas vindas da cidade de S. Thomé, para serem remetidas para Lisboa, e assim determinei eu a mandar esta minha feita pelo meu Escrivão e assignada por mim, entregue ao meu embaixador por nome Maoci Jurethe, juntamente com o seu Secretario Vangaca, onde trato o que agora faço patente ao Senhor Meu Mano. He costume Senhor, nestas nossas Nações depois de haver fallecido o Soberano do Reinado ao Successor que tocar, não governar sem não haver varios costumes passados, porem todos os casos que se fazem de justiça ou bem ou mal determinados, serem feitos pela Voz do Successor e agora como ja he completa a minha idade e os costumes do fallecido todos feitos e eu governar sobre mim, dando-se parte de todos os casos presentes e antepassados onde vim a saber que tinham os meus Aquílones feito prisão em meu Nome em dois Governadores da Nobre Fortaleza Portugueza de que deste caso tive notavel sentimento e por esta cauza peço a Meu Mano hum amavel Perdão. He certo Senhor que nós não temos guerras com Nação Estrangeira do que

toca Navegantes, porem tenho eu guerras com huma Nação, onde foi este que vai com os meus, apanhado nas ditas Praias pois tambem tenho feito avizo a todos os Portuguezes, Inglezes e Francezes que se ausentem do dito Porto, os quaes me não querem ouvir, e assim como já hé de costume as nossas guerras de parte a parte, quebrar as canoas por onde fazem os Navios suas descargas, e cortar os cabos que estão botados em terra por onde vai Agoa para todos, e captivar tudo quanto achar:

Eu como me confesso por vosso Irmão e Amigo não desejo fazer o mais pequeno damno no seu commercio e portanto rogo-lhe e peço-lhe para que meu Mano queira determinar ao seu Commercio que consultem todos a virem neste Porto, pois todos os captivos a este Porto he que hão de vir, e assim rogo-lhe e peço-lhe pelos seus Grandes Dezes haja de determinar o que lhe peço, pois esta guerra que eu tenho com este Rei Vucanim he sobre huma traição que commigo obrou; e assim eu já jurei pelo meu Grande Deus Leba e mandei dizer ao Defunto Meu Pai que lhe mandava aquelle recado por 150 Homens que mandei matar, somente affirmando-lhe que eu me havia de despigar; e portanto não desejo fazer mal ao seu commercio, neste caso he o que tenho para fazer sciente ao Senhor Meu Mano.

Faço saber o meu Mano em como desejo abrir as minhas Minas e só com o seu auxilio o poderei fazer; e tambem queria alguns preparos para as minhas guerras, assim como seja quem saiba fazer Peças, Espingardas, Polvora, e o mais que consta os preparos para o dito effeito; rogo mais ao Senhor meu Mano para que quando estes meus vierem me queira mandar fazer 8 Espingardas de Prata para caçar pois he com que mais me entretenho e tambem alguns Obuzes para metralha, e tambem 30 Xapéos finos, grandes de varias cores com suas plumas grandes e tambem 20 peças de seda dos antigos; eu tambem me offereço nesta minha Aldea para tudo quanto nella determinar; e assim tudo quanto me falta nesta, que mandei fazer pelo meu Escrivão adverti ao seu bom Vassallo que pelas suas honras e lialdade lhe remetto para que faça delle o que quizer. He o quanto se me offerece fazer neste aviso e onde todos os meus Aquílones lhe rogão como quem desejão a sua fiel amizade.

Como nesta occasião estou acampado com 20 mil Homens não consta commigo senão apetrechos de Guerra; porem em signal de hum bom Irmão que tem lhe mando hum dos meus linhos para firmeza da nossa amizade.

*Eu Escrivão deste cruel Rei que aqui me acho á 23 annos fora dos Portuguezes V. R. Magestade me queira perdoar o meu grande atrevimento: como me mandão fazer esta á*



força a fiz por não ter outro remedio; pois quem poderá expressar o que viu he este que vai por nome Innocencio.

Como eu á 23 annos não achei outro christão como este, elle fará aviso do que vio e o que padeceo, e como tratão os pobres Portuguezes nesta terra; eu faço este pequeno aviso porque todos quantos assistem na vista desta não sabem ler, e não me estendo mais por não causar desconfiança.

Meu Senhor Jesus Christo queira lembrar-se de todos quantos aqui estão penando. Deos dê todas as felicidades a V. Magestade como quem deseja, que he o humilde Vassallo João Fathe, Portuguez.

E com isto não enfado mais ao Senhor meu Mano.

De Vosso Mano Amigo.

† Adandozam Rei de Dagomé.

D. João, apesar de todos os seus titulos, ficára meio escarmentado com o nenhum proveito da primeira embaixada. E por isso não foram tão largas as despesas com esta, como da outra vez.

O visconde de Anadia em carta ao governador e capitão general da Bahia dizia os motivos dessa economia tão injustificada perante as praxes diplomaticas:

«A excessiva despeza que se fez pela Real Fazenda com os Embaixadores do Rei de Dagomé que aqui vierão no anno de 1795 e o nenhum fructo que della resultou, como se convence pelas vexaçoes e roubos praticados ultimamente pelo dito Rei no Porto de Ajudá deo motivo a que com os dous Embaixadores que agora voltão se resumisse a dita Despeza ao necessario sem faltar á Decencia; elles forão, alojados em hua muito boa Casa de Pasto, onde forão assistidos com tudo o de que precisavão e agora que estão proximos a se retirarem se deo a cada hu em dinheiro huma pequena Ajuda de custo e se lhes entregou hu caixote em que vão seis cortes de vinte a vinte e tres covados das melhores sedas da nossa Fabrica de Presente em nome de Sua Alteza Real para o Rei de Dagomé.

O que tudo com a despeza de sua passagem para a Bahia importou o que consta da Memoria junta que me pareceo conveniente remetter a V. S. para sua informação.

Palacio de Queluz em 31 de Julho de 1805.

Visconde de Anadia.

« D. Manoel da Cunha e Menezes. »

Segue a relação das despesas:

« A' casa de pasto pelo sustento e alojamento dos dois Embaixadores e seu interprete e o Conductor e dois Pretos o razão de 8\$000 por dia desde 15 de Maio até 31 de Julho de 1805. . . . .	616\$000
Pelo valor de seis córtes de seda da nossa fabrica como consta da conta junta que se mandão de presente para o Rei de Dagomé. . . . .	238\$757
Pelo que se deo aos dous Embaixadores em dinheiro. . . . .	96\$000
Idem ao Interprete e ao Conductor. . . . .	96\$000
Por alugueis de Seges para os dois Embaixadores, vestidos que se lhes fizerão e varias despesas miudas de que ainda faltão alguns restos para pagar, de que se não sabe a importancia, importando as que se tem feito em. . . . .	173\$104
Pago ao Mestre do Navio pela Passagem, e sustento, até á Bahia dos ditos Embaixadores com o seu Interprete e Conductor. . . . .	400\$000
Somma. . . . .	Rs. 1:619\$861

Secretaria do Estado em 31 de Julho de 1805.

João Filippe da Fonseca.»

O tal interprete, o Innocencio, com certeza não pintou com boas cores o real monarcha dahomeyano, porque ao passo que para si obtinha a nomeação para o posto de Capitão do 4º Regimento de Milicias dos Homens Pardos da Bahia, o Principe Regente, justamente offendido com os ataques ás suas feitorias e aprisionamento dos seus subditos por parte dos soldados do seu bom mano e amigo africano e querendo dar-lhe uma licção proveitosa, fugiu ás praxes diplomaticas não lhe enviando em resposta á missão uma mensagem autographa. Incumbiu disto ao Visconde de Anadia, que julgarão os diplomatas si se sahiu com galhardia pelo documento junto:

«Nobre e Honrado Rei do Dagomé.

O Visconde de Anadia, Conselheiro d'Estado do Principe Regente de Portugal, seu ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha e Dominios Ultramarinos vos deseja Saude e accrescentamento de bons desejos. Levei á Real Presença do Principe Regente meu amo a Carta que vós lhe escrevestes pelos vossos



embaixadores aos quaes o mesmo Augusto Senhor fez a honra de admittir á sua Real Presença, tratando-os com as demonstrações de agrado que são proprias do seu Real Animo; e ordenando que elles fossem assistidos como tem sido durante o tempo da sua residencia nesta Corte com tudo o que lhes fosse preciso: E igualmente lhes mandou dar a sua passagem para a Bahia e ordenou ao governador daquella Capitania que lhes assistisse com tudo o necessario até chegarem aos vossos Dominios. Ao mesmo tempo que S. A. Real dava essas demonstraçoens sinceras de sua benignidade, não pôde deixar de se lembrar das justas queixas que tem do vosso comportamento pelos insultos e violencias praticadas contra o Commandante Portuguez do Forte de Ajudá, não só em offensa da boa correspondencia e amizade que de vós se devia esperar, mas até contra as leis da humanidade e da sociedade: sendo tambem inteiramente opposto á conservação da mesma reciproca amizade o conservardes como escravos varios portuguezes que tomastes violentamente nas terras de outro potentado.

Achando-se por este modo offendido o decóro e soberania da Coroa de Portugal não pode S. A. Real nem escrever-vos directamente, nem condescender no que vós lhe pedis sem que primeiro ponhaes em liberdade os Portuguezes que tendes captivos e restituaes ao Commandante de Ajudá os homens e Effeitos que lhe tomastes.

Emquanto estas condições não forem satisfeitas he incompativel que S. A. Real attenda ás vossas supplicas nem que vos possa mostrar os effeitos do seu generoso e Real Animo. Não quiz porem o mesmo Augusto Senhor deixar partir os vossos Embaixadores sem vos remetter por elles hum pequeno signal de sua Real Benevolencia para comvosco e da sua propensão a cultivar a antiga amizade e commercio que de tempos immemoriaes tem sub-

sistido entre a Nação Portugueza e os vossos Vassallos e que continuará a subsistir logo que de vossa parte se reparem os damnos e offensas que a interrompem.

Nobre e Honrado Rei de Dagomé Deus vos alumie e Guarde e vos dê as prosperidades que mais convem.

Escripta no Palacio de Queluz em 30 de Julho de 1805. Visconde de Anadia.»

E bom saber-se que o Interprete da Embaixada fora portador tambem de outra carta do Rei de Ardra, de nome Hypo, o mesmo que com o de Dahomey andava em guerra. Esse outro regulo queria da mesma sorte, monopolisar a venda de escravos nos seus portos e para isso pedia a D. João que lhe remetesse um Engenheiro para melhorar as condições de navegabilidade dos mesmos.

Ao Governador da Bahia recommendava o Visconde de Anadia o estudo desse assumpto e que promovesse a liberdade dos captivos portuguezes. E para evitar que novas despezas fizesse a Fazenda Real com semelhantes missões, lembrava-lhe a conveniencia de as reter na Bahia, avisando a Corte que determinaria o que fosse conveniente.

Qual o resultado dessa missão não se sabe nem mesmo se o pobre escrivão do Rei de Dahomey voltou a Portugal, se continuou a desempenhar o seu honroso cargo, ou mesmo se foi encarregado de algum recado para um dos muitos deuses que povoavam o ceu Dahomeyano, os Voropou ou então o Grande Leba, missão esta muito mais espinhosa do que as de que vimos de tratar.

E' este um dos muitos mysterios da diplomacia do senhor D. João VI, de culinaria memoria.

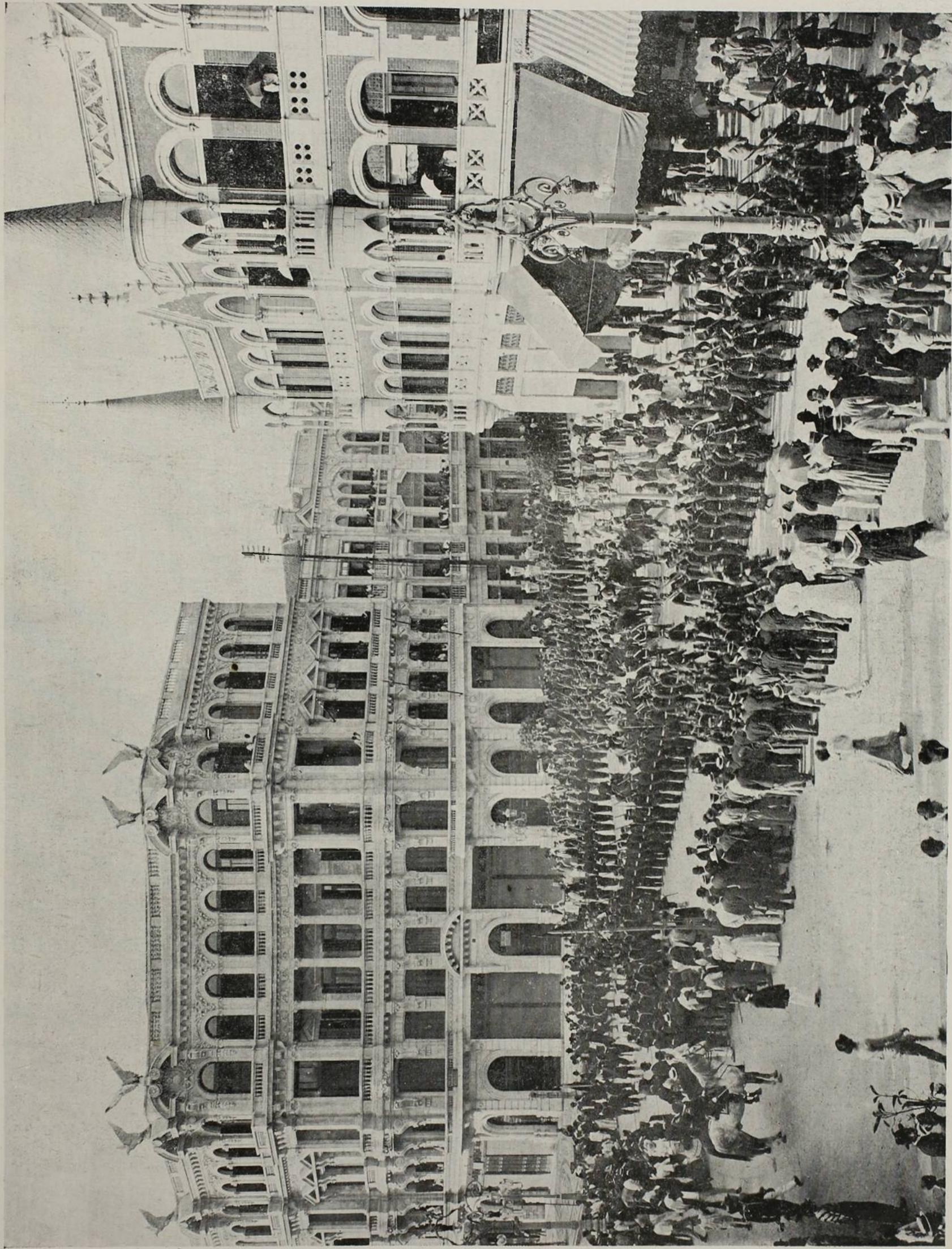
*Abril — 1908.*

MARIO BEHRING.

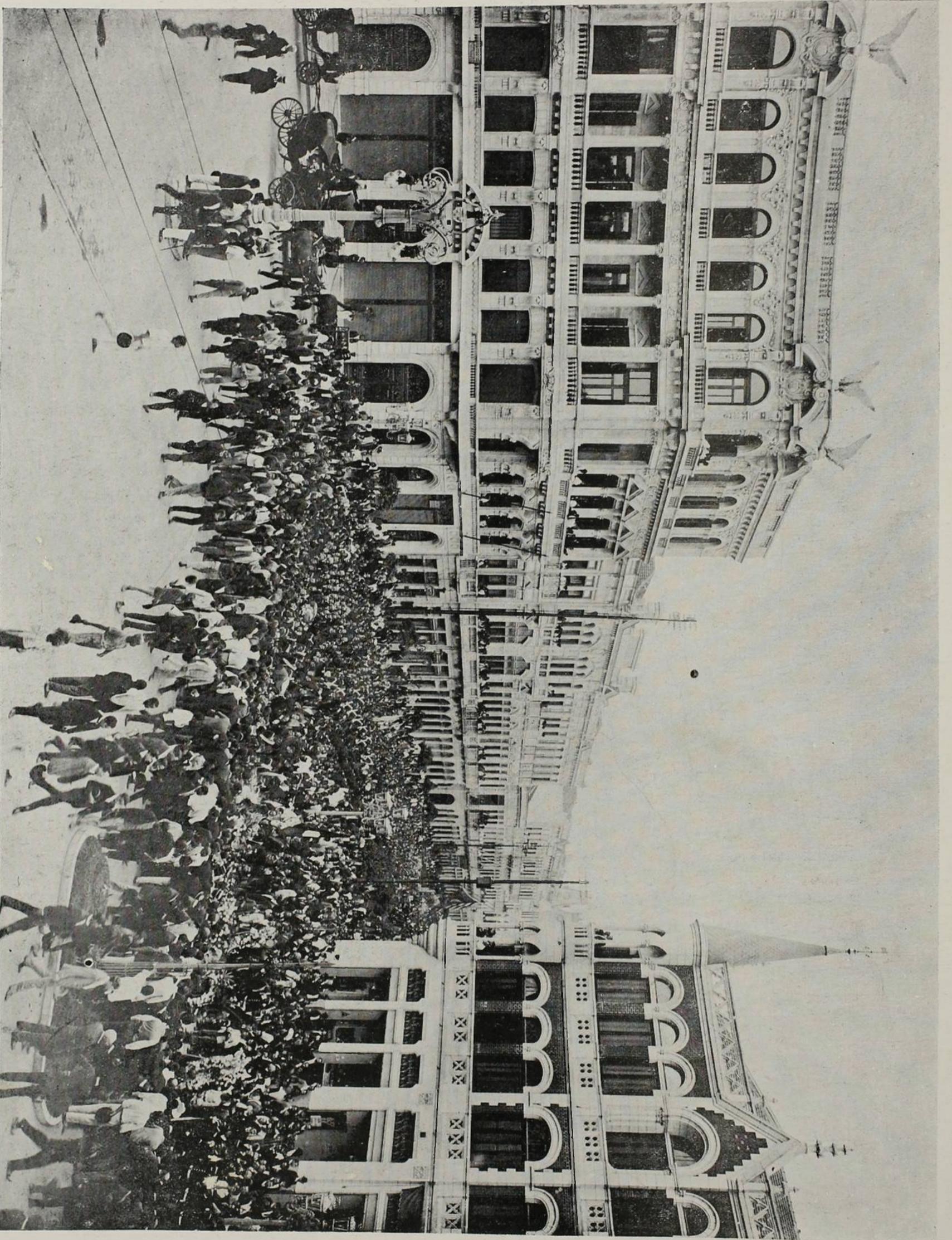




TRANSPORTE DOS RESTOS DE BARROSO E SALDANHA



NA AVENIDA CENTRAL, ESQUINA DA RUA VISCONDE DE INHAUMA



NA AVENIDA CENTRAL, ESQUINA DA RUA VISCONDE DE INHAUMA



# A TERRA

E

# ○ HOMEM

Notas curiosas — As contradicções da Sciencia

## A TERRA

“A terra é um planeta resfriado, um sol extinto.

LA PLACE.”

“A terra era primitivamente incandescente, a temperatura era tão elevada que produzia todas as especies de materias em grandes massas.

A. MAURY.”

“Ninguem vio a terra em estado igneo ou de liquido incandescente a theoria plutoniana não é se não uma hypothese.

BUCHNER.”

“A terra era coberta de agua.

CHOYER.”

“A theoria plutoniana tem um caracter evidente de probabilidade.

L. FIGUIER.”

A terra não era nem um globo de fogo nem uma esphera de agua, “ella estava coberta de gelo, d’uma camada de gelo de dose a trese mil pés de espessura.

AGASSIZ.”

Ao contrario! O globo terrestre se achava muito proximo do sol e “se aquecendo, as terras fiseram o frio ao redor.

CONTEJEAN.”

“O grande Leibnitz, *divertia-se* a fazer, como Descartes, da terra um sol extinto.

A verdade é que ninguem sabe o que era antes do que é.

VIRCHOW.”

“A terra é uma esphera ôca, como todo o corpo celeste.

VOLGER.”

“A terra é um spherode inteira e irrecusavelmente solido.

LIAS.”

“E’ ôca e no seu interior deve haver agua, ar, luz e calor.

VOLGER.”

“A terra tem uma crosta espêssa de cento e vinte a duzentos e oitenta kilometros.

CORDIER.”

“A crosta da terra é de mil e trezentos e mesmo mil e seiscentos kilometros.

HOPKINS.”

“Não conhecemos senão uma camada fina da terra, isto é, o exterior sómente.

BUCHNER.”

“Calculando o que exigia a depressão do Paiz de Galles, achei duzentos e vinte e quatro mil annos.

RAMSAY.”

“E’ por milhares de seculos que se deve contar. Só a duração das grandes geleiras foi de cento e oitenta mil annos, pelo menos.

LOYELL.”

“Mais de quinze mil annos.

KARL MAYER.”

“Mil annos, no maximo.

GASTALDI.”

“Só a planicie de Wealden necessitou de cento e cincoenta milhões de annos.

LOYELL.”

“... todos esses calculos nada mais são que uma primeira, imperfeita e aventureira tentativa sem valor absoluto.

MORLOT.”

“Uma perfeita geologia não as pode approvar.

LAVALLÉE-POUSSIN.”

\* \* \*

## O HOMEM

*Sumula da theoria de Darwin:*

1.º — Todos os seres, sem excepção, as plantas como os animaes. sahiram, originariamente, de um ser *unico*, o mais simples possível, cel-



lula, globulo, atomo vivente, producção da escuma das primeiras idades. Esse globulo (que se chama *progenitor*, *prototypo*, *protoptasma*, *mouera*) pouco a pouco se desenvolveu, pelo effeito de certas circumstancias. Aqui o terreno em que se achava era secco, ali humido, além plano, mais além escarpado e, então, aqui elle se revestio de patas, ali de azas, além de nadadeiras; aqui se fixou á terra, ali a deixou e se elevou aos ares, etc., se bem que, a um dado momento, não houvesse somente globulos, unicos seres viventes, mas, tambem plantas de todas as formas, animaes de todas as especies, insectos, reptis, aves, peixes, a vegetação rasteira e o carvalho, o leão e a serpente, a baleia e o beija-flor, tudo o que existe e que nós vemos se agitar, correr, gritar, arrastar-se, voar ou nadar.

2.º—Para que esses seres tão diversos, sahidos de uma cellula uniforme, pudessem viver e se perpetuar, era preciso que cada um conservasse os orgãos que tinha adquirido e os transmitisse a seus descendentes. Darwin imaginou, então, uma *força*. Essa *força* é dotada entre outras qualidades, de uma *intelligencia* verdadeiramente extraordinaria; ella dispõe os orgãos e os classifica, distingue e escolhe aquelles que são os mais proprios para a vida; e, melhor ainda, os modifica, os corrige, os augmenta, os adapta a determinadas funcções e, enfim, os põe em condições de nada haver a receiar e de resistir a todos os obstaculos que encontrem no curso de suas existencias. Os outros orgãos, que ella considera debeis, os deixa de lado ou, antes, os atrophia e, porfim, os elimina. Em uma palavra: ella se desembaraça dos fracos e auxilia os fortes a se desenvolverem. E' o que se chama a *lei de selecção*, do vocabulo latino *eligere*: escolher.

Eis, em sumula, a essencia, o principio basico do systema de Darwin que termina por affirmar que o homem é um mamifero descendente do macaco, provindo dos macacos *catarrhinos*, de narinas unidas.

Quando esse systema appareceu, as mais notaveis eminencias da geologia e, com ellas, quasi todas as summidades do saber, pasmaram e acclamaram a Darwin como o resolveedor genial do grande problema, os allemães principalmente. O segredo estava achado: um *globulo* formava-se na agua depositada e que era o primeiro deposito da terra, o *deposito primario*, e esse *globulo* já tinha vida, era vivente; ao fim de certe tempo, o sol o aquecia e elle augmentava de volume, apparecia-lhe uma pata, uma antena; a pata posterior batendo na agua, alargava e se fendia: era a nadadeira; as lateraes se agitavam no ar ambiente e, com o tempo se distendiam e se adelgaçavam e eram as azas e, assim, successivamente, insensivel-

mente, se forma o systema—a planta se transforma em insecto, o insecto em reptil, o reptil em mamifero, o mamifero em homem.

Os sabios applaudem, proclamam e, por fim, estudam a nova doutrina, o admiravel systema.

Feito o estudo, examinados os detalhes expositivos, começam as decepções. O homem continua a ser o problema de origem indecifavel.

Eis o que os sábios disseram:

“A doutrina de Darwin repousa em premissas que não estão provadas pela experiencia.

HAECKEL.”

“Essa doutrina é contraria aos verdadeiros methodos.

AGASSIZ.”

“A famosa cellula primordial é inexplicavel e inexplicada.

QUATREFAGES.”

“A selecção natural é uma supposição desmentida pelos factos.

PICTET.”

“A geração dos espontanea é uma hypothese muito commoda e absurda.

• FLOURENS.”

“A formação dos animaes, mesmo a dos mais simples infusorios, pela geração espontanea é impossivel; os esforços empregados sob este ponto de vista tem sido infructiferos.

LITTRÉ.”

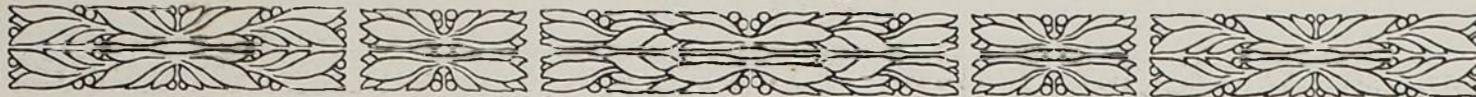
“Se os animaes se formaram modificando-se pouco a pouco, se mudaram, achar-se-ia signaes dessas modificações graduaes e, até hoje, não se chegou a isso.

CUVIER.”

“O *Anableps*, que se encontra no Amazonas, tem quatro olhos e é assim chamado devido á singular structura do apparelho ocular que, segundo Agassiz, é revestido de uma placa membranosa que contorna o bulbo ocular, passando através da pupilla e dividindo o orgão da visão em duas partes iguaes, uma superior, outra inferior. Os *anableps* vivem em bandos na superficie da agua, parte da cabeça acima e parte á baixo do liquido, vivendo, assim, metade do corpo no ar e metade na agua; lhes sendo precisos, portanto, olhos capas de verem nos dois elementos.

Porque, todos os amphibios, desde a rã ao hippopotamo, não sentiram a necessidade, o

## KÓSMOS



desejo de se munirem de olhos especiaes e apurados, semelhantes?

A *Sellecção* ou qualquer outro systema é impotente para o explicar.

EUGÉNE LOUDUN."

"As theorias de Darwin são supposições gratuitas.

VALROGER."

"O systema de Darwin é um romance scientifico.

LECOMTE."

"Uma serie de milagres absurdos...

L. GIRAUD."

"Quem présar a precisão scientifica, deve rejeitar essa theoria.

QUATREFAGES."

"Ha ausencia absoluta de factos que provem ou mesmo expliquem a transformação do macaco em homem.

BISCHOF."

\* \* \*

Depois de todas essas linhas, já sobre a *Terra*, já sobre o *Homem e Sua Origem*, não vêm sem proposito, os conceitos que seguem:

"Conheço as leis da attração, mas, o que seja não saberei diser e ninguem o sabe nem nunca o saberá mais do que eu.

NEWTON."

"Não nos cabe remontar ás causas primordiaes; ignoramol-as.

LE PLAY."

"Nada podemos saber sobre a causa fundamental das cousas, nada tambem, sobre o seu *porque*, mas, sabemos o *como*.

BUCHNER."

"Si se indaga como e porque tal agente produz tal modificação, respondemos francamente que nada sabemos. *Como* os planaltos da Abyssinia ennegressem de tal maneira que d'Abbadie vê o seu criado mudar de côr em um mez a ponto de não reconhecê-lo; *como* a America do Norte diminue e a Anglo-Saxonia augmenta; nada sabemos sobre a causa de tudo isto, não sabemos o que isto é.

QUATREFAGES."

"Toda experiencia engana, *experientia fallax*.

HIPPOCRATE."

"Nada podemos saber sobre a essencia das cousas.

BUCHNER."

"Mais, talvez, hoje do que a oito mil annos, nos faltam dados exactos sobre a natureza intima das cousas.

BABINET."

"O fogo queima, o ovo contém a ave, o sol brilha, vemos com os olhos, ouvimos com os ouvidos, etc., aceitamos essas cousas como reaes. Quem, porém, as explica? Ninguem. São outros tantos artigos de fé que se impõem á nossa razão contra nossa razão.

BOURDIN."

"Dá-se o mesmo com o *calor*, com a *contractibilidade*, com a *actividade* da medula da espinha.

VULPIAN."

"Em physica, ha tres cousas: o *phenomeno* as *supposições* do physico e o *calculo* que resulta dessas supposições.

Querendo calcular a curva que faz um raio de luz atravessando a atmosphaera, tem os *elementos essenciaes* que elle não faz entrar em conta porque *lhe são desconhecidos e dos quaes elle é obrigado á lançar mão*: a densidade das camadas de ar, a lei de refração, a natureza dos corpusculos luminosos, os seus aspectos, etc. O calculo está exacto, o raio toma a curva determinada, d'onde se conclue que: ou as suas supposições se modificaram por si ou ellas estavam exactas. Qual dos dois casos, porém, se deu? Elle ignora e é esta a unica certeza a que elle pôde chegar!

DIDEROT."

"Nenhum philosopho pôde levantar, por suas proprias forças, o véo que a natureza estendeu sobre os principios das cousas.

Observo os effeitos da Natureza, mas, confesso que não concebo, mais do que vós, os principios primordiaes.

VOLTAIRE."

Não se torna necessario recommendar nem commentar, á intelligencia dos leitores da *Kósmos*, o que contém de interessante os curiosos apanhados que aqui ficam extrahidos e traduzidos desse robusto e excellente livro de Eugène Loudun intitulado *As ignorancias da sciencia moderna*.

LIMA CAMPOS.

# NA FRONTEIRA

UM TEUTO-BRASILEIRO

**A** CAMPAVAMOS em aprasivel rincão dos campos do Coronel Juca d'Almeida, um dos esforçados descobridores de Palmas, cujo genio audaz e aventureiro não desmentia o quente sangue dos velhos paulistas, que lhe corria nas veias.

Estava quasi a findar o mez de Novembro do anno de 1889.

Perto de nós, a alguns passos, n'uma clareira espaçosa, alvejava o abarracamento dos argentinos, cujo chefe era o illustre senhor D. Valentim Virasoro.

As nossas tendas em pinturesca desordem aformoseavam a ourela de viçoso almargem, armadas á sombra de arvores baixas sobrepujadas por pinheiros gigantes.

O chão verde que pisavamos era alcatifado de macio relvêdo, marchetado de flores.

Nesse mez, as louçainhas da primavera enfeitam ainda os formosos campos do Paraná.

Batia-nos á porta o estio; mas os dias eram frescos, e as noites frias.

Si os astros scintillavam com brilho intenso no ceu azulado e sem nuvens, a terra amanhacia escarchada de geada. — Precisavamos de dormir bem abrigados.

E' que estavamos á 26 gráus de latitude austral e a mais de 1100 metros acima do nivel do mar.

Pela nossa frente, o Chapecó passava ligeiro, e torcia-se em meandros caprichosos; rolando as aguas claras, e frias sobre um leito de lages denegridas, onde brilham seixos de amethystas rôxas e agathas vermelhas.

Naquellas alturas é um pequeno — lageado, — cujos galhos ainda menores vêm serpeando das proximas nascentes, que confrontam e ás vezes se confundem, no mesmo banhado, com as do rio Jangada, seu contravertente e visinho mais proximo, que vai engrossar, abaixo do Porto da União, as aguas acachoadas do grande Iguassú.

Betam essas formosas campinas onduladas, pequenas ilhas de pinheiros de alta coma sempre verde.

Alli, não raro, se escondem sussuaranas pardas e onças mosqueadas, espreitando com olhos de cubiça os rebanhos de vacas, que passem ladeados por touros de alto *cupim* e aspas aguçadas; e as numerosas manadas de egoas ariscas seladas por *pastores* crinitos de

cácho grosso e bem fornido e jarrêtes nervosos e delgados.

Uma noite, muito tarde, espertei á estrupida de cavallos á galope.

Ouvia-se o clamôr dos relinchos estridentes dos *baguaes* e os finos nitridos dos poldros assustados; — perturbando o magestoso silencio da solidão.

Os nossos cães ladravam sem cessar em torno do acampamento.

Sahi embuçado no ponche.

Fazia frio.

O luar era claro e as estrellas faiscavam no ceu de purissimo azul.

Dirigi-me á um grupo, que palestrava, tomando mate junto á um fogo alegre de nós de pinho. Entre soldados e peões, de cocoras uns, outros assentados nos calcanhares ou amezendrados em troncos, fumavam o cigarro de palha de milho o Xico Bôse e a turma.

Ergueu-se logo e achegou-se a mim. Era um rapaz de vinte e sete annos, de estatura elevada. Nos olhos, que me não descobria a ferocidade, notou nos barbaros da Germania. O cabello touro e ondedado cahia-lhe quasi aos hombros.

As pontas do bigode dourado levantavam-se em arco nos cantos da boca. Era paranaense.

Seus progenitores — o Professor Bôse e Frau Bose nasceram na Pomerania.

Não te canças em ficar tanto tempo acocorado junto ao fogão? Perguntei-lhe.

Senhor, não. Isso só faz mal aos *chirús* velhos, que tem o *caracú* duro.

Porque estão os animaes tão alvorotados?

E' tigre, senhor coronel, que anda perto. Vancê ouça como a perrada está alerta; e repare para a cavaliada *parando rodeio* lá em riba da cochilha.

Esguardei na massa escura no tezo da collina splendidamente allumiada pelo luar.

O tigre está rondando, continuou o Xico, para pegar algum *matungo* ou *potranca* desgarrada.

A *egoada* e os *potrilhos* estão dentro do circulo. A gente d'aqui não os pode ver bem. Aquelles vultos, que andam por fóra, são os *pastores*, rinchando de vez em quando, para darem coragem a manada.

O tigre ronda e ronda toda a noite; e antes das barras do dia apontarem e a passarada principiar a cantar, mette-se na matta.

Tanto tem de forte, como de falso.

Tem medo do dia e foge da gente.

Ha muitos por cá?

Como não? Por via do gado. Nas picadas do Jangada andam uns bem criados. Tenho visto cada rasto do tamanho da minha mão.

E fechou a mão direita para mostrar-me as dimensões da trauta.

Agradava-me a conversa singela desse homem, em cujas veias corria puro e sem mancha o sangue germanico; e era entretanto um germano *caipira* brasileiro.

Fallas bem allemão?

Senhor sim, mas não tanto como o velho. Quando era *gury*, não se fallava em casa outra lingua. Mas depois que casei, já me vou esquecendo, porque a mulher não sabe.

De qual gosta mais — do allemão ou do portuguez?

Da nossa, coronel. E' mais doce, e é a minha, da minha terra.

Militão falla allemão?

Nunca aprendeu, porque a mãe não entende, e em casa é portuguez só, que se *corta*

Militão, o primogenito do Xico era o *madrinheiro* da nossa tropa.

Tinha dois irmãos. Mostrava pela idade que a *sera* dos germanos de Tacito fallára no feito da turma, nascido em outra terra, visto de outro meio, e queimado pelos raios d'um sol ardente.

Não te dá vontade de caçar um tigre?

Deus me livre, coronel. Isto é bom para o Jéca Roberto do Jangada, que tem esfolgado para mais de tresentos. E' o caçador mais *famanaz*, desde o Goyo-én até Guarapuava.

Vancê vê aquelle braço meio secco, que elle tem? Foi o *manotaço* d'uma *tigra lastimada*, que rollou com elle no fundo de um grotão. Quem o salvou foi o Amaro, que era ainda *gury* e acabou de matar o animal com uma azagaia feita d'uma faca atada na ponta d'uma taquara.

O Jéca ainda gosta de caçar?

Só caça quando não tem remedio. Hoje é um velho triste.

Passa as tardes assentado como um corvo no muro do cemiterio, que fez na frente da casa.

O Amaro é quem persegue agora os tigres que *carneiam* na estancia do pai. E' rapaz de dar e tomar e não é qualquer que lhe faz pé.

Tem boas armas o Amaro?

Qual o que, coronel!

Caça com uma garruchinha troxada, d'um cano só; não ha dinheiro que a compre.

E' grande temeridade desse homem, arriscar-se tanto.

Caça sempre com o cachorro de sua confiança, quando o tigre se vê perseguido, trepa n'uma arvore e espera o caçador.

O Amaro atira bem — e nunca erra a cabeça ou a volta da *palhêta*.

E si o tigre não trepar?

E' muito raro, mas acontece.

Então é mais perigoso.

O rapaz avança para elle sem lhe tirar os olhos de riba. O animal acuado agacha-se todo, assentado nas patas traseiras; firma-se nas mãos

e encolhe-se para armar o pulo. Mas antes de pular abaixa a cabeça. Nesse momento elle aperra a garruchinha e quando a féra se levanta, vara-lhe o coração com uma bala.

E si fallar a garrucha?

*Que esperança*, Coronel! Não falla não. Nunca fallou, nem ha de fallar, porque Amaro tem muitos *patuás* e sabe resas muito fortes. Nunca sahe para caçar, sem primeiro resar o responso de Santo Antonio e a oração de São Marcos, que o velho Jéca lhe ensinou e elle traz dependurados no pescôço, dentro d'um bentinho *retovado* de couro de jáguatirica.

Mas... si o tigre não morrer do tiro?

Acaba na ponta da faca.

Continuei por algum tempo ainda á ouvir o meu interessante feitor.

Recolhi-me á tenda solitaria: Os cães continuaram á ladrar; ás vezes mais á miudo e correndo d'um ponto para outro.

Os echos dos relinchos dos *baguaes*, no teso da collina, chegavam de quando em vez aos meus ouvidos.

Dias depois, o Xico appareceu á tardinha, no acampamento com o peito e os braços alanhados e escorrendo sangue.

Trazia ao hombro duas pelles de onça pintada.

Correram todos para elle.

O que foi?

Quem matou?

Que *bichões*?

Como Vossê, seu Böse, está todo *lastimado*!

Conta como foi.

Quando me viu, estugou o passo e chegou-se. Tinha o ar fatigado, mas brilhava no seu olhar intelligente e energico o bello orgulho da coragem. Estava sorridente.

Dous tigres d'uma vez, Böse? Foste tu, quem os matou?

Senhor sim, meu Coronel, com a ajuda de Deus.

Vi-me hoje pelas caronas.

Um destes dous diabos quasi deu cabo de mim.

Onde os encontraste?

Na picada, antes de chegar ao banhado, onde nasce o braço esquerdo do Jangada.

Que foste lá fazer?

Como é domingo, sahi atraz dos quatis. — Segui pela picada do tenente Montez. Só appareciam gralhas e pelinchos, que não valiam a polvora d'uma carga.

Já ia desanimado, quando ouvi perto os latidos compassados de Busca-vida. Era de certo algum animal acuado. Entrei no cerrado. O cão latia para riba. Era um tigrão de pintas graudas e cabeça grande — um cangussú. Estava trepado n'uma imbuia.



A testa muito lisa e arregaçada para traz, se enquadrava numa forquilha. Os olhos eram duas brazas. A cóla não parava de bolir; parecia uma «quatimra» assaniada.

Fiquei apavorado; mas tive vergonha.

Metti uma bala na espingarda, que só tinha chumbo grosso e apertei bem a bucha. Apontei á cabeça e dormi na pontaria.

Que tirão, Coronel!

O bruto deu um urro, despencou lá de riba como um ouriço de pinhão e cahiu redondo no chão.

Nunca pensei que fosse tão facil acabar com uma féra tão grande e tão bravosa como aquella.

Fiquei todo alvorotado e nem me lembrou carregar a arma, que é dum cano só.

Quando me cheguei para esfolal-o, senti mexer n'uma moita bem perto de mim. Era outro que estava agachado e parecia querer me devorar.

Que olhos esbraseados!

Mal tive tempo de dar de mão á adaga.

Pulou sobre mim; e eu saltei, que nem gato para traz. Má hora!

Os pés se enredaram n'um cipó e estendi-me á fio comprido.

A adaga saltou-me da mão. Gritei—valha-me Nossa Senhora. O diabo não me deixava; parecia que me queria sangrar no pescoço. Metti-lhe a mão esquerda na bocca e agarrei-lhe a lingua com toda a minha força.

Que bocca! Rescendia á carniça de muitos dias.

A lingua parecia uma groza de ferreiro; tinha escamas que nem peixe.

Que idéa a tua de metter a mão na bôcca da onça!

Qual idéa, nem nada, seu Coronel. O diabo estava com ella aberta, e a mão entrou sem eu pensar no que fazia.

Felizmente não pode morder-me; a lingua estava presa.

Vi-me perdido e agarrei-me com a Virgem Maria.

«Babatei» no chão e achei a adaga. A Mãe de Deus me valeu.

Busca-vida me ajudava mordendo a féra no garrão. E o diabo era femea.

Dei-lhe uma facada no sangradouro, que foi de certo ao coração, porque ella deu um bramido, que parecia ronco de trovoadas. Até a terra estremeceu.

Alanhou-me todo assim como vancê está vendo, braços, peito, pernas...

O que eu mais temia era um «manotaço». Si me péga um, não sei que seria de mim.

Dei-lhe mais duas facadas; só de raiva.

Acariciou o focinho do grande cão e disse:

Busca-vida fez hoje serviço de amigo fiel e valente. Si não fosse elle, o diabo da «tigra» me carneava.

Estendi-lhe a mão e congratulei-me com elle pello bello feito. Fil-o ir ao Capitão Aguiar, nosso pharmaceutico e medico adhoc para fazer-lhe os curativos.

Estes dois couros, Sr. Coronel, são para vancê se lembrar do seu feitor.

Trouxe-os para o Rio e os mandei preparar.

O da femea conserva debruadas de vermelho as grandes rasgaduras da adaga do Xico Bose.

Nessa noite, no retiro de minha tenda, passei longo tempo á scisnar na figura desse mancebo, puro teuto no sangue, e tão brasileiro na linguagem, nos costumes, nos modos, no valor e no amor á terra onde nasceu.

Acudiu-me á mente a idéa do tão fallado — «perigo allemão»; e tive impetos de exclaimar «expressão vã de infundados receios».

Oxalá aportem aos milhões, ás nossas plagas, os homens da raça do Xico e das outras fortes para trabalharem connosco pela gloria do Brazil.

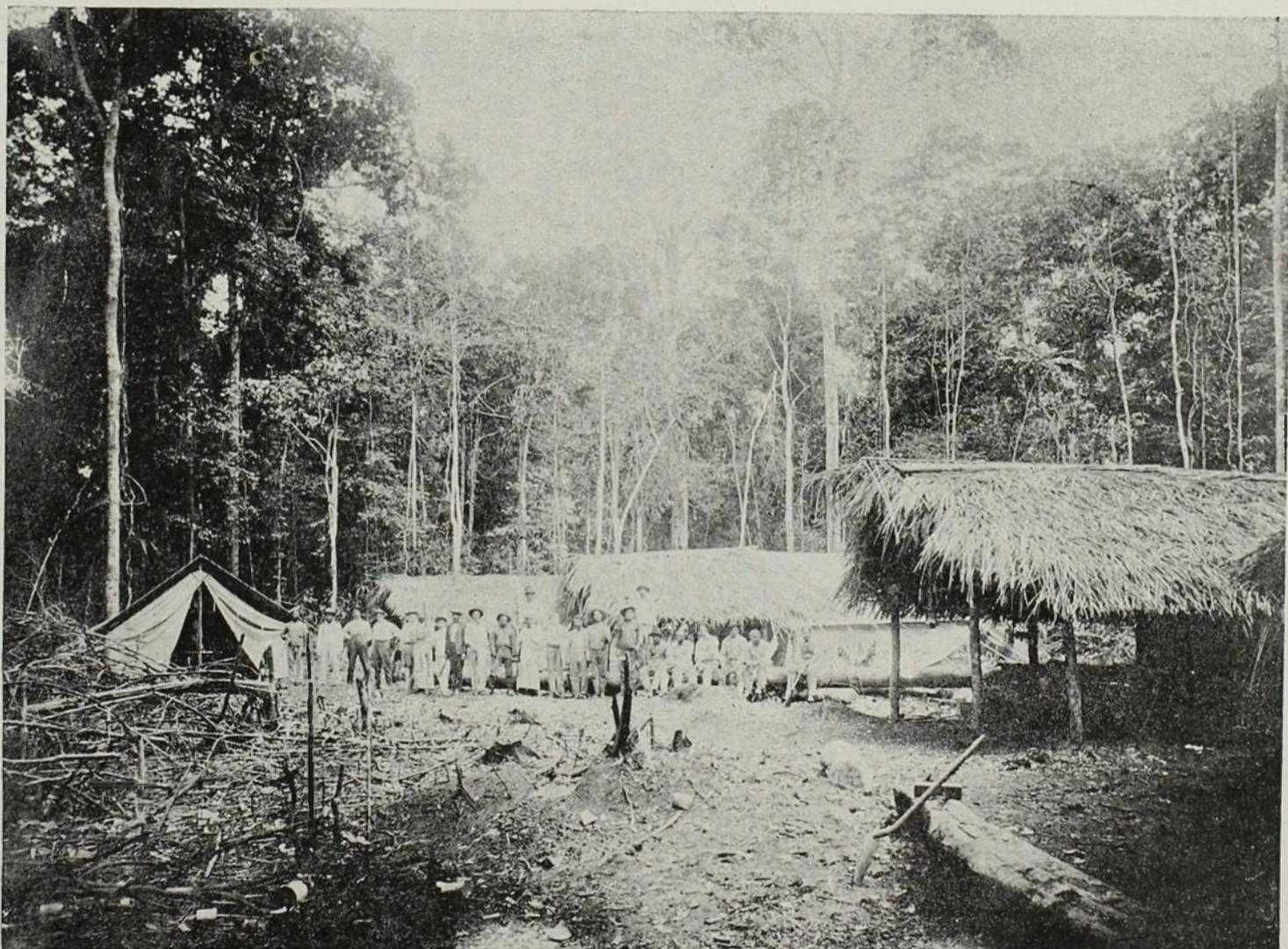
DIONISIO CERQUEIRA.



ESTRADA DE FERRO MADEIRA E MAMORÉ



GRUPO DE ENGENHEIROS DO CONTRACTANTE



ACAMPAMENTO DE ENGENHEIROS

ESTRADA DE FERRO MADEIRA E MAMORÉ



PORTO VELHO E RIO MADEIRA — VISITA DO ENGENHEIRO FISCAL



DERRUBADA EM PORTO VELHO — VISITA DO ENGENHEIRO FISCAL

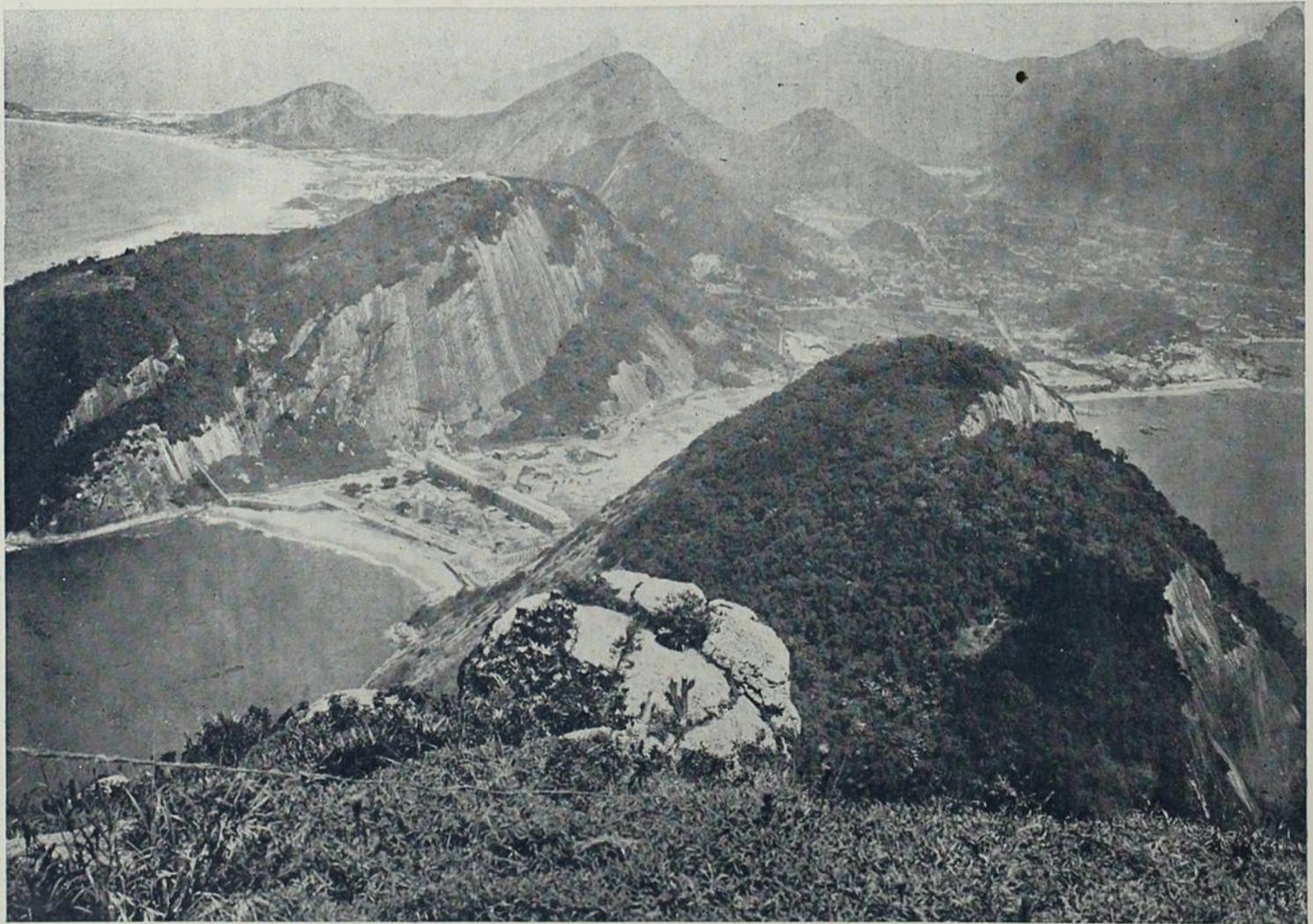


ESTRADA DE FERRO MAMORÉ – DERRUBADA EM PORTO VELHO



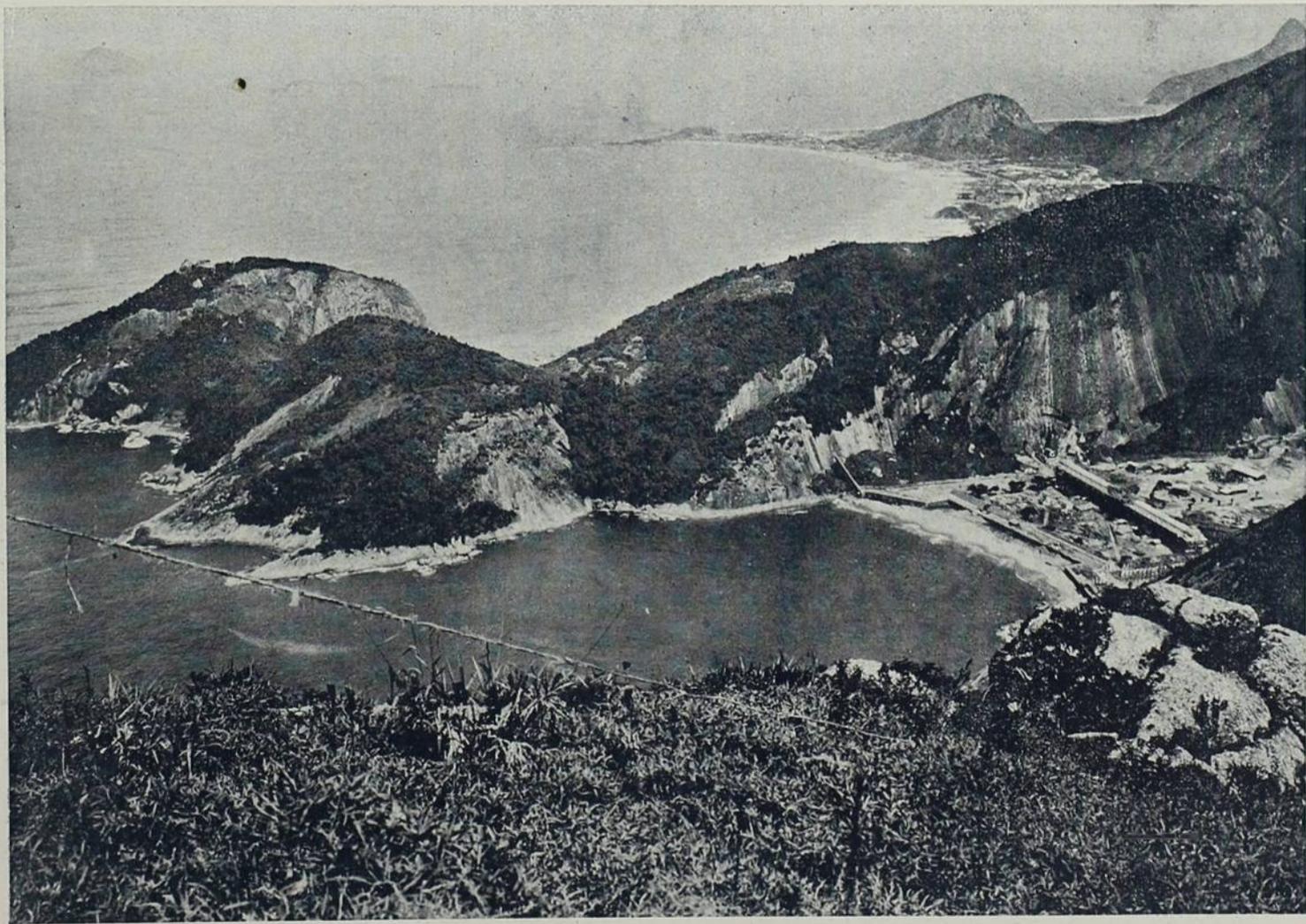
GRUPO EM PORTO VELHO – VISITA DO ENGENHEIRO FISCAL

KÓSMOS

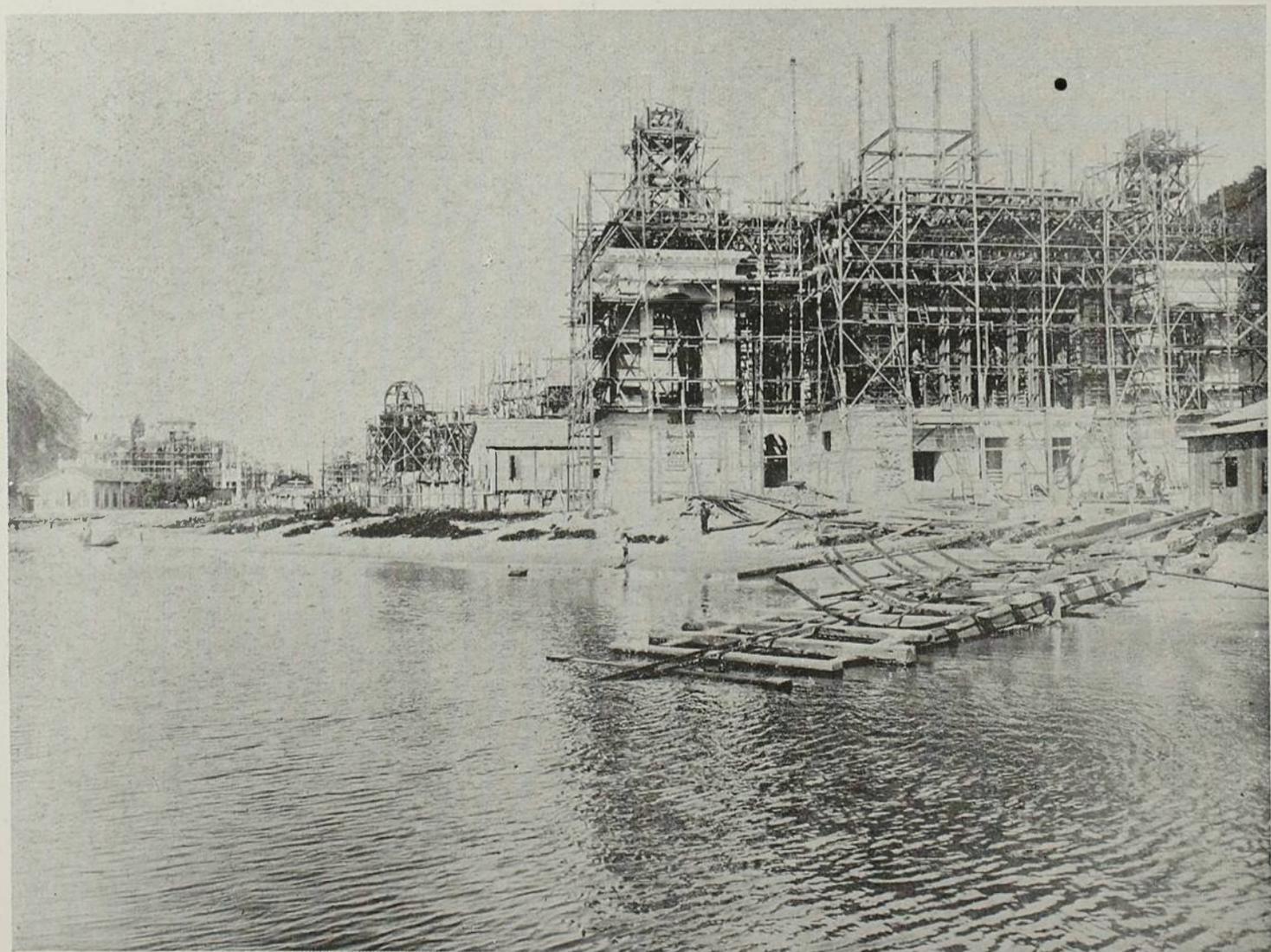
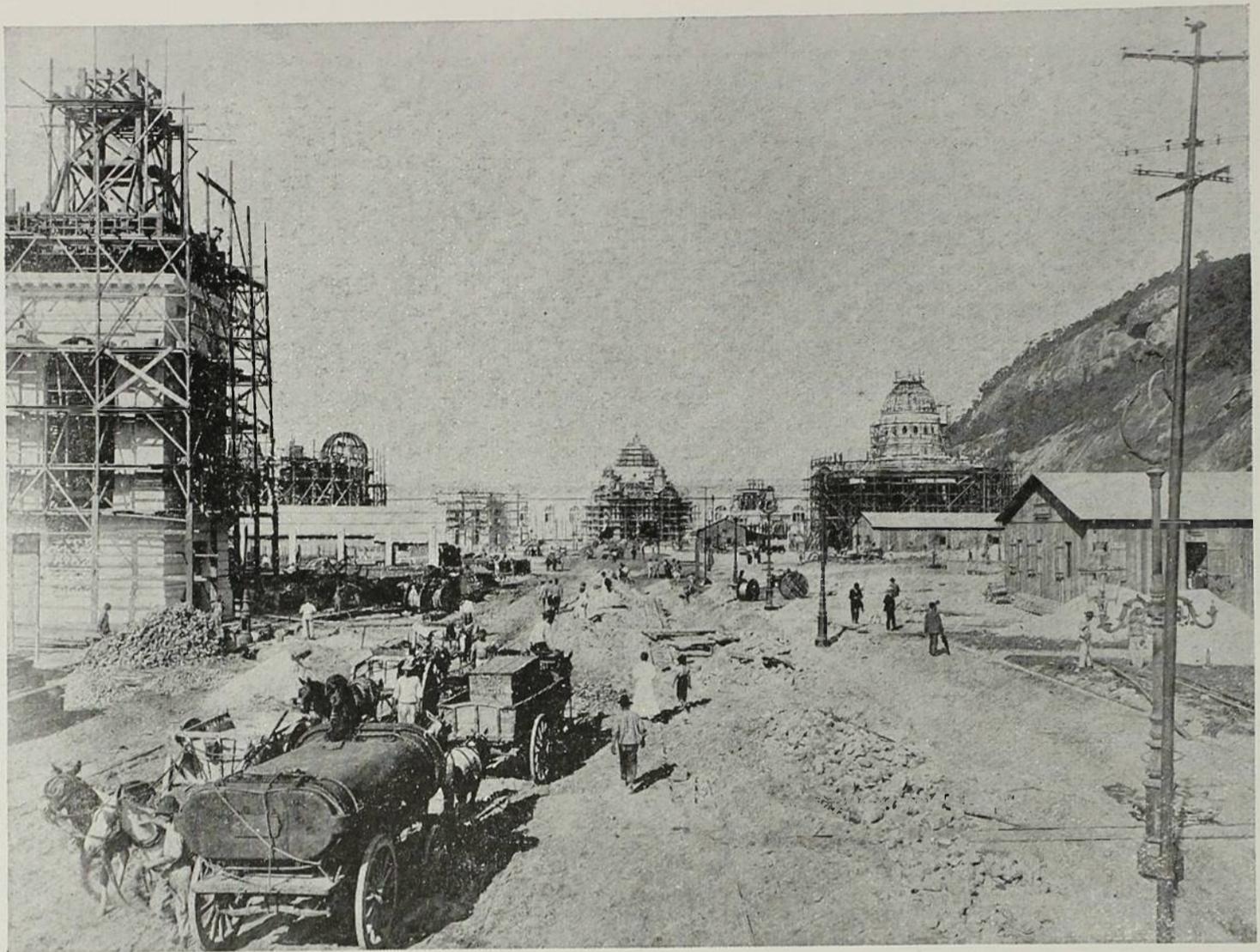


A EXPOSIÇÃO NACIONAL Á VOL D'OISEAU — VISTAS TIRADAS DO ALTO DO PÃO DE ASSUCAR

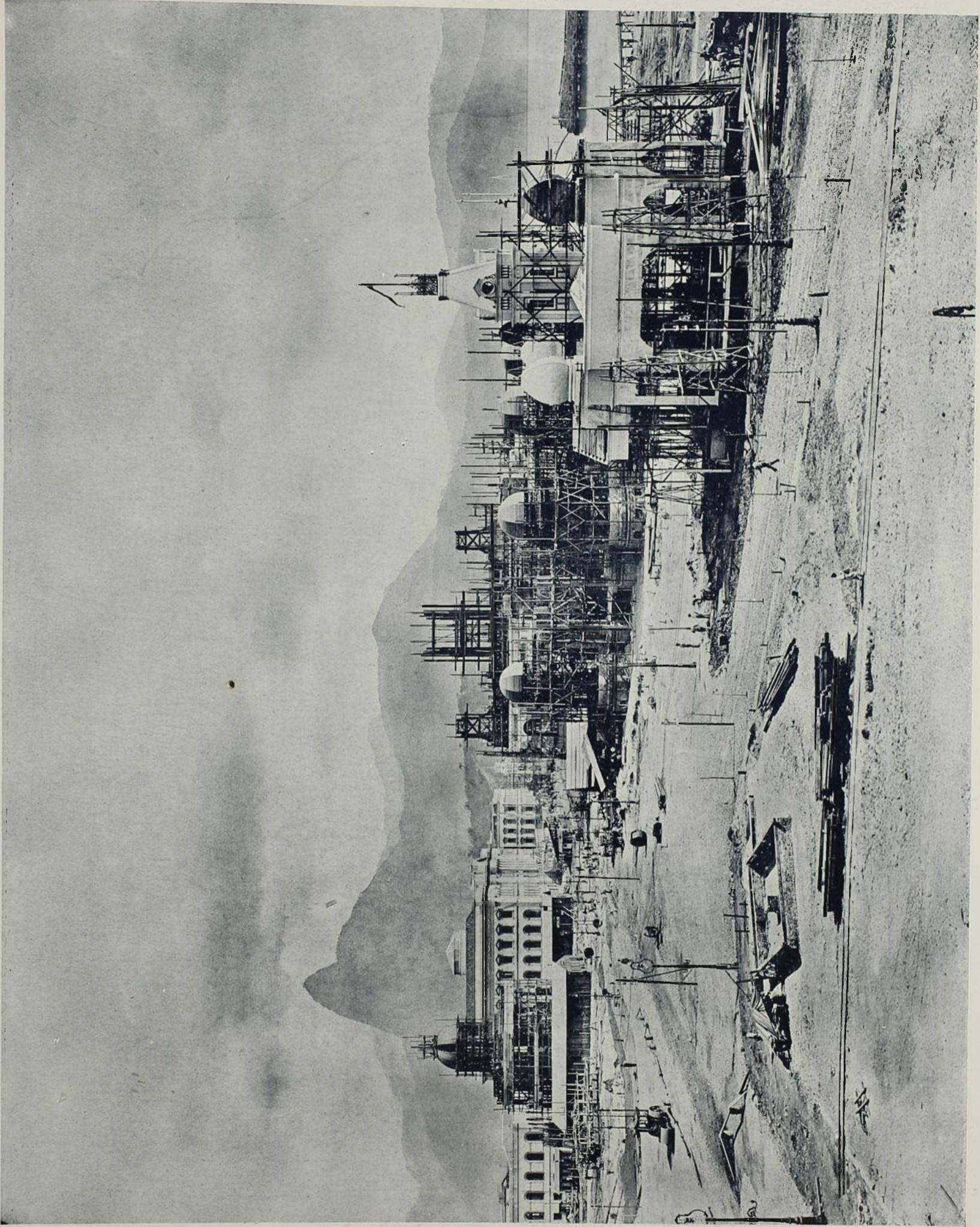
KÓSMOS



A EXPOSIÇÃO NACIONAL Á VOL D'OISEAU — VISTAS TIRADAS DO ALTO DO PÃO DE ASSUCAR



EXPOSIÇÃO NACIONAL – ASPECTO DAS OBRAS



EXPOSIÇÃO NACIONAL — ASPECTO DE DIVERSOS PAVILHÕES EM CONSTRUÇÃO





## OS CRYSANTHEMOS

A José Verissimo

ERA o dia da festa dos crysanthemos...  
Como por mercê dos deuses a chuva deixára de cahir, eu sentei-me japonezamente no meu *kuruma* de velludo e fiz-me transportar ao jardim do Imperador...

O céo, diaphano como um jade oriental, derramava sobre a terra sua abundante claridade; as *musumés* passavam á minha beira, agitando as azas dos *kimonos*, num alegre alarido de passaros assustados; as velhas avós sem cabello, essas chupadinhas creaturas que são as reliquias das ilhas Japôas, caminhavam silenciosamente no meio dos netos buliçosos; a lucidez da atmospheria alegrava as flôres e os semblantes, reflectia-se no espelho dos lagos, penetrava na alma das coisas como um sorriso da Natureza...

Só o meu coração entristecido era impenetravel áquella vaga felicidade do dia...

Eu caminhava ao acaso, topando aqui e ali com arvores *bébés* de dois palmos de altura e um affecto quasi piedoso, uma sorte de compassiva amizade como a que me inspiram os anões humanos, apoderava-se do meu espirito.

E' que a arvore *bébé* não cresce: a pobre arvore *bébé* permanece minuscula atravez dos seculos, olhando melancolicamente para a grandeza dos *cryptomerias*...

Mas sem embargo dos seus dois palmos de altura o equilibrio anatomico dos seus órgãos resiste aos tormentos que lhe inflingio o cirurgião: é o tronco mais pequeno, são mais delgados os ramos, ficam os ramusculos a perder de vista... O monstro, todavia, continúa a ser uma arvore, uma miniatura de arvore, esbelta e deliciosa...

Assim é o phenomeno que Master Johnson exhibe no Circo de Pariz...

Pois não vos faz pena essa creatura de saias compridas, falando, rindo, vestindo-se *chez Doucet*, e que qualquer pessoa pode metter no canto de uma gaveta?

Contemplaes essa senhora de cinco palmos e dizei-me se não é uma perfeita mulherzinha sendo uma miniatura de mulher...

\* \*

Nos jardins do Imperador lobriguei muitas destas arvores que são cuidadas por mãos de jardineiros paternaes.

Outras, ao revez, são gigantescas. Outras são exquisitas, nervosas. Destas se torcem os ramos no ar como agitados pela colera.

Daquellas os troncos parecem velhos invalidos chorando a elegancia da juventude perdida... Alguns pinheiros, de uma immobilitade esculptural, deitam uma sombra que se assemelha a um luto...

Dirieis um florido jardim de supplicios este imperial jardim povoado de troncos que padecem silenciosamente... Dirieis uma enfermaria de paralyticos este parque cheio de plantas martyrisadas pelo capricho dos homens... Ha mesmo uma semelhança physionomica entre certas arvores do Japão e certos deuses que dos altares dos templos olham para a humanidade com caretas de palhaço...

\* \*

Foi em presença desta Natureza enfermiça que eu comprehendí com verdadeiro amor a saudavel Natureza dos jardins da minha terra!...

Foi á sombra desta ramagem quasi lugubre que eu pensei na diaphana e consoladora sombra das palmeiras do meu paiz!...

Foi olhando para estas despidas montanhas que eu evoquei as serras tropicaes eternamente cobertas de brocados de flôres!...

E o meu exilio pareceo-me mais doloroso...

E uma indizível nostalgia apoderou-se da minha alma...

E as saudades dos morros amados puzeram-se a voltijar em torno do meu coração como as phalenas nocturnas á roda de uma luz bruxoleante...

\* \*

Para illudir o desencanto enfrontei-me por um atalho da alameda principal em busca dos crysanthemos.

Não sei que invisível mão me guiou por aquelle caminho deserto...

Não sei quem me levou para as visinhanças de uma gruta cavada no flanco de uma das collinas do parque...

Uma vontade mysteriosa, superior á minha vontade, dirigia a bussola dos meus actos...

A gruta, cheia de sombra, olhava para mim como uma pupilla fascinadora...

Aproximei-me timidamente e estaquei perplexo ante o espectáculo que me esperava...

Um crysanthemo vivia ali, solitario como um eremita, no seio da treva e do silencio...

Senti não sei que de sobrenatural pairando sobre a planta...



Senti um enigma na vida dessa flôr...

E puz-me a tremer diante della como uma creança que a ideia dos phantasmas apavora...

Talvez que as suas petalas me recordassem os dedos de alguma prínceza de legenda...

Talvez que a nervosa elegancia do seu caule me lembrasse a silhueta de alguma amante esquecida...

Tentei fugir ao quebranto que me penetrava...

Mas não pude dar um passo...

De repente a corolla fez um gesto, a flôr toda estremeceu numa vibração de vida, e uma nuvem pallida e luminosa, pallida e luminosa como as perolas do Oriente, começou a formar-se e a condensar-se em torno do crysanthemo...

O mundo que me rodeava desapareceu por um instante da minha consciencia!

Os mais confusos pensamentos desencadearam-se no meu cerebro!

Deixei de lutar, deixei de querer, deixei de sentir...

Perdi a noção da realidade e entreguei a minha alma aos tentaculos da vertigem...

Entretanto, a flôr envolta na nuvem metamorphoseava-se como por milagre...

O caule adquiria formas humanas, as petalas criavam corpo, as folhas cosiam-se umas ás outras...

Um hombro nú, destacando-se da nevoa, appareceu, como um marmore vivo, á minha vista hallucinada...

E agitaram-se dois braços cobertos de pedras preciosas...

E brilhou um cabello ruivo qual um nascer-de-sol atravez das brumas da aurora...

Olhei para a visão que me apparecia e cahi de joelhos sobre a terra humida...

Era uma mulher a visão que me apparecia...

O violento esplendor da sua belleza provocava em todo o meu ser uma especie de idolatria sexual...

Os seus braços pareciam tallados para os enlaces da paixão como as lianas selvagens que no silencio da floresta se enroscam aos troncos languidos de felicidade...

A sua bocca exhalava um perfume calido de fructo dos tropicos...

E o seu cabello tumultuoso queimava-se como uma labareda...

Só os seus olhos eram graves, tragicos e tenebrosos...

Os seus olhos deixavam cahir sobre a minha alma uma sombra de cypreste...

Os seus olhos eram frios como um crepusculo polar...

Os seus olhos pareciam pensar em coisas do outro mundo...

Contemplei-a em extasis...

A divina creatura sahio da gruta encantada envolta num manto que tinha a côr das folhas do crysanthemo e falou-me numa voz que era um "murmurio liquido" como a voz da Musa de Shelley:

Eu sei que tu és filho do paiz das maravilhas! na tua patria gorgeiam as aves mais ditosas da terra e crescem as arvores mais elegantes do mundo! os teus olhos já decerto contemplaram todos os sorrisos da Natureza! tens montanhas banhadas por oceanos de jade e cidades em cima dessas montanhas! tens palmeiras que sobem até ao céu e adormecem sobre travesseiros de nuvens! tens corvos vestidos de luto e teus mariposas multicolores! és do paiz dos supremos contrastes: as fontes são a alegria dos teus jardins e as cascatas são o pranto das tuas serras! nos rincões dos teus bosques dorme o velho jaguar e rasteja a cobra traiçoeira enquanto os fugazes colibris feitos de faiscas de sol voltijam em torno das madsilvas amorosas! és feliz, ó! poeta! nasceste no Paraizo e desconheces a desolação dos desertos!...

E estas palavras que cahiam sobre a minha alma como uma chuva de petalas traziam-me á memoria o poema do escriptor: (\*)

«Do novo mundo, tantos seculos escondido e de tantos sabios calumniado, onde não chegaram Hannon com as suas navegações, Hercules lybico com as suas columnas, nem Hercules thebano com as suas emprezas, é a melhor porção o Brasil: vastissima região, felicissimo terreno onde tudo são fructos, em cujo seio tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas; tributando os seus campos o mais util alimento, as suas minas o mais fino ouro, os seus troncos o mais suave balsamo, os seus mares o ambar mais selecto; admiravel paiz a todas as luzes rico, onde, prodigamente profusa, a natureza se desentranha nas ferteis producções que em beneficio do mundo apura a arte, brotando as suas canas espremido nectar e dando as suas fructas sazoadas ambrosia, de que foram mentida sombra o licor e vianda que aos falsos deuses attribuiu a culta gentilidade.

Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno nem madrugada mais bella a aurora;

(\*) S. da Rocha Pitta. *Historia da America Portugueza.*



o sol em nenhum outro hemispherio tem os raios mais dourados nem os reflexos nocturnos tão brilhantes; as estrellas são as mais benignas e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasça o sol ou se sepulte, estão sempre claros; as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos ou dentro de povoações nos aqueductos, são as mais puras; é, enfim, onde tem nascimento os maiores rios, influem benignos astros e respiram auras suavissimas que o fazem fertil e povoado de innumerados habitantes. — »

A dama dos olhos tenebrosos continuou:

— Já deves estar saciado das riquezas da terra! que panoramas ha para a tua retina, desconhecidos? que flores ha que não tenhas acariciado com os teus beijos? que rios existem onde não haja navegado a galera dos teus sonhos? que buscas, pois, aqui?

— Venho ver os cysantheos, respondi num murmurio.

— Ah! os bellos cysantheos deste paiz?

— Ver os cysantheos... repeti machinalmente, sem me explicar a subita apparição daquella mulher.

— Vem comigo, accedeu ella. Eu te mostrarei as symbolicas flôres do paiz dos quinhentos outomnos!

Puzemo-nos a caminho...

Aproximamo-nos de uma enorme barraca de tecto de papel por onde a luz do meio-dia penetrava modestamente...

A barraca trasebordava de cysantheos...

Havia-os de todas as côres, de todos os tons, dos mais variados matizes...

Eram uns completamente vermelhos, outros claros como uma neve perfumada, estes amarellos como o oiro das minas, aquelles dourados como as estrellas do céu, alguns de um rubro sanguineo como sangue coahado...

Havia-os côr de cereja, havia-os de petalas brancas e roxas, havia-os escuros, prateados, lacteos...

Era uma ineffavel alegria para a vista...

Era um conjuncto de flôres que dava aos olhos encantos voluptuosos ..

A minha dama dizia-me:

— Olha! aquelle pé carrega 935 flôres!

Perguntei o nome do fertil vegetal chamava-se *hibarino-toko*...

Os cysantheos formavam uma sorte de umbella, uma especie de pallio redondo tão gigantesco e frondoso, que os eixos da planta desapareciam sob a irradiação das petalas.

Era uma superficie convexa de corolas de todas as cores, á guiza de guarda-sol, susten-

tadas por um pé unico, por um fecundo pé de *hibarino*

A minha dama dizia-me:

— Eis a flor imperial, ó meu poeta! O cysanthemo de dezeseis petalas é o escudo do Mikado...

Tem quasi a idade do amor! Cinco seculos antes do teu Christo já os Chinezes e Japonezes lhe entoavam canticos sagrados... Vês como todas estas corolas se espreguiçam aos beijos do sol? E não sabes que umas alimentam, que outras curam a embriaguez, que outras matam os insectos, que outras absorvem as doenças?... Ah! dize! dize! conheces sobre a terra alguma flor mais tentadora?

— A tua bocca, rosa de duas petalas, respondi fitando-a apaixonadamente.

— Olha o *chiraga*, todo feito de sangue empastado, prosequio ella sem responder ao meu grito de amor... Olha aquelle que parece uma fructa madura... Não te dá vontade de o comer? E' o *kamijiyama*, o orgulhoso *kamijiyama* dos jardins imperiaes...

— Mas como é possivel obter tão grandes flores? inquirí estacando defronte de um ramo de cysantheos que pareciam cabelleiras de Carnaval.

— Com paciencia e cuidado, respondeu a minha mysteriosa companheira. Colloca as plantas em estufas muito illuminadas, num solo fertil e sempre perto dos vidros para que não morram... Mas separa-as umas das outras de sorte que a luz e o ar circulem á vontade... Porque não ensaias? Não tens o culto dos jardins?

.....  
O passeio continuava...

Ladeámos uma multidão de flores de todos os tamanhos.

Os cysantheos appareciam nas suas infinitas combinações, nas suas indescriptiveis elegancias, provocando-me o appetite como carne feminina.

A minha dama falára certo: a flôr pedia os dentes. Era uma carne aromatica a seduzir labios refinados.

Descemos uma ampla alameda que desembocava num portão de ferro...

Entre duas arvores verdes lobriguei de longe uma trindade de poetas Chinezes que se inspiravam na paisagem do crepusculo...

Chegámos ao portão: o sol ia descambando por trás das escuras muralhas do palacio e na abobada do Céu o crescente pallido da lua fazia-me pensar numa adaga de *samurai*...

— Mas afinal quem és tu? perguntei de repente á mysteriosa dama, cravando o meu olhar

## KÓSMOS



cheio de angustia na fulgurante sombra das suas pupillas... Porque vieste interromper o destino dos meus pensamentos? porque vieste perturbar o repouso do meu coração? que pensas fazer da minha vida e da minha alma com o mortal quebranto da tua belleza? quem és tu? quem és tu?

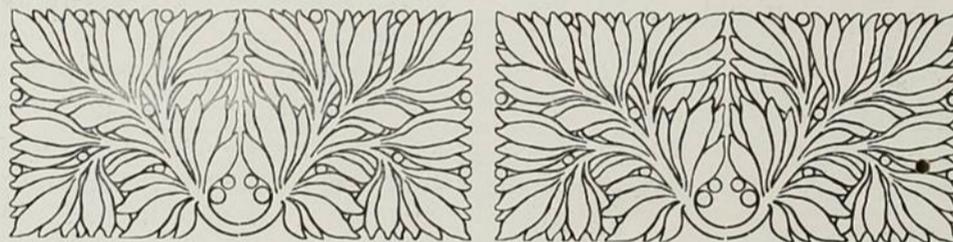
— Quem sou?... respondeu ella desfazendo-se outra vez em fumo como nas historias dos milagres... Olha-me bem! sou eu que te ensino a vêr as occultas virtudes dos objectos! sou eu que faço palpar o teu coração como um relógio mysterioso! sou eu que faço voar o teu espirito emprestando lhe as minhas azas invisiveis! sou eu que te revelo e elegancia dos arbustos, os amôres das corolas e os enlances voluptuosos dos troncos! E' á sombra da minha voz que dedilhas a lyra em louvor da

tua Musa de olhos fatidicos! é ao luar da minha vista que se accendem as estrellas da tua inspiração! é commigo que descobres o relevo dos symbolos e a magia das imagens!...

Olha-me bem, poeta dos meus peccados! eu não sou a mulher fascinadora para cuja bocca vôm os beijos dos homens como um enxame de abelhas! eu não sou a Amante que apunhala nem a Amante que perdôa!... sou impalpavel, fugitiva, insexual!... sou feita de essencia divina, como a luz e como o radium, e desde tempos immemoriaes levo o pollen que vivifica as artes entre as petalas dos meus sorrisos!... eu sou a Fantasia!... adeus!

*Tokio, 1908.*

LUIZ GUIMARÃES FILHO.





# POR DARWIN

(CONTINUADO DO N. 3 DESTE ANNO)

## CAPITULO X

### Sobre os Principios de Classificação

TALVEZ haja alguém, mais feliz do que eu, capaz, mesmo sem Darwin, de encontrar o fio da meada pelo emaranhado das formas evolutivas, ora tão completamente diversas nos mais proximos aliados, ora tão surpreendentemente semelhantes, nos membros dos grupos os mais distantes que nós acabamos de examinar perfunctoriamente. Talvez que um olhar mais penetrante seja capaz, com Agassiz, de perceber « o plano estabelecido *ab initio* pelo Creador », (1) o qual poderia ter escripto aqui, tal como o diz um proverbio portuguez, « direito por linhas tortas. » (2)

Eu sou forçado á pensar que, difficilmente podemos fallar de um plano geral ou modo typico de desenvolvimento dos Crustaceos, diferenciado segundo as Secções, Ordens e Famílias separadas, quando, por exemplo, entre os Macruros, os Pitús deitam os ovos na forma permanente; a Lagosta, embryões com patas schyzopodas; *Palaemon*, com os Carangueijos, na de Zoéas e *Peneus*, com os Cirripedes, na de Nauplius; — e quando, ainda dentro d'esta mesma sub-ordem Macrura, *Palinurus*, *Mysis* e *Euphasia* apresentam formas jovens; — quando novos membros, ás vezes, emergem como rudimentos livres, na superficie ventral e são, ás vezes, formados debaixo da pelle que passa lisamente sobre elles; e ambos os modos de desenvolvimento são encontrados nos diversos membros do mesmo animal e no mesmo par de membros de diferentes animaes; — quando nos Podoplthalmos, os membros do thorax e do abdomen apparecem, ora simultaneamente, ora aquelles e, ás vezes estes em primeiro lugar; e quando, alem disso, em cada um dos dous grupos os pares nascem juntos, ás vezes um atraz dos outros; — quando, entre as Hyperinas, uma simples pata se muda em chela, em *Phronima* e uma chela em simples pata, em *Brachyscelus*, etc.

E comtudo, segundo as licções da Escola, é precisamente na juventude, precisamente no

decurso do desenvolvimento que o « Typo » está, pela maior parte, abertamente desdobrado.

Mas, ouçamos o que tem a Velha Escola á nos dizer como significado da historia evolutiva e, suas relações para com a anatomia comparada e zoologia systematica.

Que fallem dous dos seus mais acatados mestres.

« Ao passo que a anatomia comparada, » diz Johannes Muller, em 1844, nas suas leituras sobre esta sciencia (e as opiniões do meu memoravel mestre foram as minhas proprias, por muitos annos), « nos mostra a infinitamente variada formação do mesmo orgão no Reino Animal, nos fornece ao mesmo tempo os meios, pela comparação d'estas varias formas, de reconhecer o verdadeiramente essencial, o typo d'estes orgãos e, de separar d'ahi o não essencial. N'isto, a historia evolutiva á serve como um freio ou pedrade toque. Assim, desde que a idéa do desenvolvimento não é a de um méro augmento de tamanho, mas a do progresso do que ainda não foi diferenciado mas que, potencialmente, contem a distincção de si mesmo para o essencialmente distincto, — é claro que, quando menos um orgão se desenvolva tanto mais adquira peculiaridades. O typo descoberto pela anatomia comparada e a historia evolutiva, devem por isso estar de accordo. »

D'ahi, depois de ter combatido a idea de uma escala gradativa de animaes e, a passagem por muitos grãos durante o desenvolvimento, continua Johannes Muller: — « O que é verdade n'esta idéa é que, cada embryão, no começo, traz sómente o typo de sua secção, do qual só ulteriormente se desenvolve o typo da Classe, o da Ordem, etc. »

Em 1856, n'uma obra elementar (1) em que é usual só se admittir o que for considerado como aquisição scientifica indubitavel, Agassiz se exprime do seguinte modo: — *Os ovos ovarianos de todos os animaes são perfeitamente identicos*, pequenas cellulas com um vitellus, vesicula germinativa e macula germinal. » (§ 278) « *Os orgãos do corpo são formados de accordo com a sua importancia; os mais essenciaes sempre apparecem primeiro.* Assim, os orgãos da vida vegetativa, o intestino, etc., apparecem mais tarde do que os da vida animal, o systema nervoso, esqueleto, etc.; e estes, por sua vez, são precedidos pelos phenomenos mais communs pertencentes, como taes, ao animal. » (§ 318) « Assim, nos Peixes, a primeira mudança consiste na segmentação do vitellus e formação de um germen, processos que são communs á todas as classes de animaes. Depois apparece a goteira dorsal, caracteristica dos

(1) «Um plano plenamente madurecido no começo e rigorosamente executado.» ou «No principio Seu plano foi formado e d'este plano Elle nunca se apartou em qualquer particular.» (Agassiz e Gould, «Principios de Zoologia.»)

(2) «Deus escreve direito por linhas tortas.» Para ler esta notavel proposição, carecemos dos olhos da Fé que raramente acompanham os olhos acostumados ao Microscopio.

(1) «Principios de Zoologia.» — Parte I Physiologia Comparada — Por Louis Agassiz e A. A. Gould — Edição Revista. Boston, 1856.



vertebrados — o cerebro, os órgãos dos sentidos; n'um periodo ulterior se formam os intestinos, os membros e as formas permanentes dos órgãos respiratorios, pelos quaes a classe é reconhecida com certeza.

E' sómente depois da exclusão que as peculiaridades da estructura dos dentes e nada-deiras indicam o genero e as especies» (§ 319.)

«Por isso, os embryões dos diversos animaes se assemelham entre si tanto mais quanto mais jovens elles são.» (§ 320.)

«Consequentemente, a alta importancia da historia evolutiva é indubitavel. Porque, se a formação dos órgãos, se da na ordem correspondente á sua importancia, esta sequencia deve ser, por si propria um criterio do seu valor comparativo, na classificação. As peculiaridades que apparecem mais cedo, devem ser consideradas de mais alto valor, do que as que apparecem subsequentemente» (§ 321). «Um systema, para que seja verdadeiro e natural, deve concordar com a sequencia dos órgãos, no desenvolvimento do embryão (§ 322).

Não sei se alguém, hoje, quereria subscrever esta proposição *in totum* (1). E', comtudo, certo que, vistas essencialmente semelhantes, ainda são encontradas por ali, em argumentos sobre classificação e que, mesmo ha poucos annos passados, foram repetidas tentativas, rarissimas vezes com successo, de empregar a historia evolutiva como a base da classificação.

Mas de que modo estas theses concordam com as nossas observações sobre a historia evolutiva dos Crustaceos?

O facto d'essas observações se referirem na maior parte, á sua «metamorphose livre», depois de abandonado o ovo, não pôde prejudicar a sua applicação ás proposições enunciadas, especialmente no que toca «ao desenvolvimento embryonario» no ovo; porque o proprio Agassiz salienta (§ 391 que ambos os generos de muda são da mesma natureza e igual importancia e que, nenhuma «distincção radical» se produz pela circumstancia do primeiro se effectuar antes e o ultimo depois do nascimento.

«Os ovos ovarianos de todos os animaes são identicos, pequenas cellulas, com vitellus, vesicula germinativa e macula germinativa.» Sim, um tanto como os Insectos são identicos, pequenos animaes, com cabeça, thorax e abdomen; isto é, sómente fallando do que lhes é commum, deixamos fóra de consideração a differença do seu desenvolvimento, a presença

ou ausencia e a variada estructura da membrana vitellina, a variavel composição do vitellus, o numero e a formação differentes da macula germinativa, etc. Numerosos exemplos que podem ser facilmente augmentados, de tão profundas differenças, são fornecidos pelo «Lehrbuch der Histologie» de Leydig.

Nos Crustaceus o ovo ovariano fornece, actualmente, excellentes caracteres para a discriminação das especies do mesmo genero; assim, por exemplo, em uma Porcellana d'esta terra elles são verdes denegridos, n'uma segunda intensamente rubros de sangue, e n'uma terceira amarrellos escuros; e dentro dos limites da mesma ordem elles apresentam differenças consideraveis no tamanho que, como Van Beneden e Claus mostraram, ficam em conexão intima com o modo de desenvolvimento subsequente.

«Os órgãos do corpo são formados na sequencia da sua importancia organica; o mais essencial deve sempre apparecer primeiro.»

«Esta proposição devia ser caracterizada á priori como indemonstravel, desde que é impossivel, quer em geral, quer em particular n'um animal qualquer, estabelecer uma sequencia de importancia entre partes igualmente indispensaveis. O que é mais importante, o pulmão ou o coração? — o figado ou o rim? a arteria ou a veia? Em vez de dar preferencia, com Agassiz, aos órgãos da vida animal, podiamos, com igual justiça dar aos da vida vegetativa, pois que os ultimos são concebiveis sem os primeiros mas não os primeiros sem os ultimos. Podiamos accorrer dizendo que, segundo esta proposição, os órgãos provisionaes primeiramente produzidos devam exceder em importancia aos formados mais tarde.

Mas aferremo-nos aos Crustaceos. Em *Polyphemus*, Leydig encontrou os primeiros traços do tubo intestinal, mesmo durante a segmentação. Em *Mysis*, uma cauda provisional se forma primeiro e, em *Ligia*, um tegumento dermico pupiforme. O olho simples mediano apparece primeiro e seria, por isso, mais importante do que o par de olhos compostos; a escama das antenas, nos lagostins, seria mais importante do que o flagellum; os maxillipedes dos Decapodes, seriam mais importantes do que as chelas e patas ambulatorias; e os seis pares de patas anteriores nos Isopodes, do que o setimo par, formado precisamente de modo semelhante; nos Amphipodes o mais importante de todos os órgãos seria o «apparelho micropylar» que, desaparece sem deixar traço, logo depois da eclosão; em *Cyclops*, as cerdas da cauda seriam mais importantes do que todas as patas nata-torias; nos Cirripedes as antenas posteriores, a cujo respeito não sabemos em que se tornam, seriam mais importantes do que os cirros

(1) As proprias vistas de Agassiz estão hoje essencialmente mudadas, tanto quanto se pode deprehender da noticia de Rud. Wagner sobre o seu «Ensaio sobre a classificação». O proprio Agassiz, não faz critica alguma das velhas theorias acima citadas que, comtudo, se acham ainda largamente diffundidas. Só sei da sua ultima concepção, infelizmente, pela referencia algo confusa de R. Wagner e, por isso, pensei melhor não fazer observações criticas sobre ella.



e assim por diante. Os menos importantes de todos os órgãos seriam os sexuaes e, as peculiaridades essenciaes por excellencia, consistiriam na côr referida anteriormente ao ovo ovariano.

«Os embryões, ou estado jovens dos diferentes, animaes assemelham-se cada vez mais entre si, quanto mais jovens elles são», ou, como se exprime Johannes Muller, «elles se aproximam, cada vez mais estreitamente, do typo commum. Por mais diversas que sejam as ideas relativas á palavra «typo», ninguem negará que a forma typica do penultimo par de patas, nos Amphipodes, é a de uma simples pata ambulatória e não a de uma chela; porque a ultima não ocorre em um unico Amphipode, nós a conhecemos só no joven do genero *Brachyscelus* que, por isso, a este respeito, se afasta sem duvida, mais amplamente do que os adultos, do typo de sua ordem. Isto tambem se applica aos machos jovens das *Orchestias* com referencia ao segundo par anterior de patas (*gnathopoda*). De tal forma, ninguem hesitará em acceitar a posse de sete pares de patas como peculiaridade «typica» dos *Edriophthalmos* que Agassiz, á tal respeito chama Tetradecapoda; os jovens Isopodes que são Dodecapoda, tambem a este respeito se distanciam mais do «typo», do que os adultos.

E' certamente uma regra, e esta a theoria de Darwin nos conduzia á esperar, que no progresso do desenvolvimento, aquellas formas que são, á principio, semelhantes, se afastam gradativamente, depois, umas das outras; mas aqui, como nas outras classes, as excepções, para as quaes a Velha Escola não tem explicação, se mostram numerosas. Não raro poderiamos, na verdade, inverter directamente a proposição e, asseverar que as differenças augmentam, quanto mais retrocedemos no desenvolvimento; e isto não só n'aquelles cassos em que uma de duas especies quasi alliadas se desenvolva directamente e a outra passe por muitos estados larvares, tal como o Pitú commum e os Lagostins que são oriundos do estado Nauplius.

O mesmo pode ser dito, por exemplo, dos Isopodes e Amphipodes. Nos animaes adultos, o numero de membros é o mesmo; á primeira vista de um *Cyrtophium* ou de uma *Dulichia* e mesmo depois de cuidadoso exame de um *Tanais*, podemos ficar em duvida se temos um Isopode ou um Amphipode diante de nós; no recém-nascido, o numero dos membros é diferente e, se retrogradamos á sua existencia no ovo, a mais simples inspecção percebendo a curvatura para cima ou para baixo, basta para que se distinga, até os mais jovens embryões das duas ordens.

Em outros exemplos, os caminhos que conduzem de um tal ponto de partida á uma tal

méta, se separam amplamente no meio da evolução, como nos Camarões de estado Nauplius, já descriptos.

Finalmente, assim como mesmo as ultimas possibilidades podem ser esgotadas, succede, ás vezes, que a maior semelhança ocorre em meio de desenvolvimento. O mais frisante exemplo de tal facto é fornecido pelos Cirripedes e Rhizocephalos, quer comparemos as duas ordens, quer ou os seus membros entre si; de uma segmentação toda diferente no seu curso (veja-se as figs. 61-65) procedem diversas formas de Nauplius; estes se convertem em pupas, excessivamente semelhantes e das pupas, depois, procedem animaes sexualmente maduros, diferentes entre si *toto caelo*.

«Se a formação dos órgãos ocorre na ordem correspondente á sua importancia, esta sequencia deve, por si propria, ser um criterium do seu valor comparativo em classificação» ISTO É, SUPPONDO QUE OS VALORES PHYSIOLOGICOS E SYSTEMATICOS DE UM ORGÃO COINCIDAM!

Tal como nos povos Christãos ha uma moral de catechismo, que cada pessoa tem na ponta da lingua mas não se considera obrigava a seguir ou espera ver seguida, por quem quer que seja, assim tambem a zoologia tem seus dogmas, tão universalmente aprendidos, quanto desrespeitados na pratica. Dogma semelhante é esta supposição tacitamente feita por Agassiz. De um cento que se sinta compellido a fazer a sua profissão de fé, como introducção á um Manual ou Memoria Monographica, noventa e nove começarão dizendo que um systema natural não póde ser baseado sobre um unico character mas sim, sobre o conjuncto de caractéres e a estrutura geral do animal; porém que não devemos sommar simplesmente estes caractéres como grandezas equivalentes, que não devemos contal-os mas pesal-os e, determinar a importancia á attribuir á cada um d'elles, de accordo com o seu significado physiologico. E isto provavelmente seguido de um pequeno repique de palavras, em geral, sobre a importancia comparativa dos órgãos animaes e vegetativos, circulação, respiração, etc. Mas quando entramos em obra, a discriminação e o arranjo das especies, dos generos, das familias etc., com toda a probabilidade, nem um, dos noventa e nove, prestará a minima attenção á estas bonitas regras ou, tomará a taréfa ingrata de desdobral-as detalladamente. Agassiz, por exemplo, como Cuvier e em opposição á maioria dos zoologos allemães e inglezes, considera os Radiarios como uma das grandes divisões primarias do Reino Animal, comquanto não se saiba cousa alguma sobre o significado da disposição radiada, na vida desses animaes; e não obstante os Echinodermos radiados serem produzidos de larvas bilateraes.



Os «verdadeiros Peixes» são por elle divididos em Ctenoides e Cycloides, conformes o bordo posterior de suas escamas seja denticulado ou liso, circumstancia cujo valor para com o animal deve ser infinitamente pequena, em comparação com as peculiaridades da dentição, formação das nadadeiras, numero das vertebrae, etc.

E, para voltar á nossa classe dos Crustaceos; prestou-se alguma attenção particular, na sua classificação, ás distincções prevaescendo nos «órgãos mais essenciaes?» Por exemplo, ao systema nervoso? Nos Coryceideos, Claus achou todos os ganglios ventraes fundidos n'uma unica larga massa, e nos Calamideos, uma longa cadeia ventral de ganglios, — os primeiros, por isso, n'este respeito se assemelham ás aranhas do mar e os ultimos, ás lagostas; mas ninguem sonharia em suppor que houvesse alguma relação entre os Coryceidae e os Carangueijos, ou entre os Calanidae e as Lagostas—Ou aos órgãos da circulação? Temos entre os Copepodes, os Cyclopidae e Coryceidae sem coração, ao lado dos Calanidae e Pontellidae com um coração. E do mesmo modo entre os Ostracodes, as *Cypridinas*, que eu verifiquei possuírem um coração, se collocam ao lado de *Cypris* e *Cythere* que não tem tal órgão.—Ou ao apparelho respiratorio? Milne-Edwards já o fez quando separou *Mysis* e *Leucifer* dos Decapoda, mas elle proprio, ulteriormente vio que isso era um erro. Em uma *Cypridina* encontrei branchias de tamanho consideravel, inteiramente ausentes em outra especie, mas isso não me parece uma razão para separal-as, nem mesmo genericamente. D'outro lado, o que é que nós sabemos do significado physiologico do numero de segmentos e todas as outras cousas que, estamos habituados á considerar como peculiaridades typicas dos diferentes órgãos e ás quaes, usualmente, attribuímos o mais elevado valor systematico?

«*Aquellas peculiaridades que primeiro apparecem, seriam mais altamente consideradas do que as que apparecem subsequentemente. Um systema, para que seja verdadeiro e natural, deve concordar com a sequencia dos órgãos no desenvolvimento do embrião.*» Se as peculiaridades primeiro manifestadas, devem ser mais altamente consideradas do que as que apparecem ulteriormente, então, nos casos em que a estrutura do animal adulto exigir uma posição no systema e a da larva uma outra, esta ultima e não a outra, deve decidir a partida. Como os *Lerneas* e Cirripedes, em relação ao estado Nauplio, foram separados de suas connexões prévias e referidos aos Crustaceos, devemos, pela mesma razão, separar *Peneus* dos Camarões e unil-os aos Copepodes e Cirripedes. Porém, o mais zeloso embryomaniaco fugiria, provavelmente, d'este caminho.

Um «systema verdadeiro e natural» dos Crustaceos, para estar de accordo com a sequencia dos phenomenos, teria de tomar em conta, primeiro, os varios modos de segmentação, depois a posição do embrião, em seguida, o numero de membros produzidos dentro do ovo e assim por diante; e poderia ser representado, de alguma forma, do seguinte modo:

## CLASSIS CRUSTACEA

Sub-Classis I. HOLOSCHISTA.—Segmentação completa. Sem bandeleta primitiva. Embrião Nauplius.

Ord. 1 *Ceratometopa*.—Nauplius com processos frontaes. (Cirripedes, Rhizocephalos).

Ord. 2 *Leiometopa*.—Nauplius com processos frontaes. (Copepodes, sem *Achteres*, etc., Phyllopora, *Peneus*).

Sub-Classis II. HEMISCHISTA.—Segmentação incompleta.

A. Nototropia—Embrião curvo para cima.

Ord. 3 *Protura*.—A cauda formada em primeiro lugar.

Ord. 4 *Saccomorpha*.—Pelle larvar pupiforme formada em primeiro lugar. (*Iso-podes*).

B. Gasterotropia—Embrião curvo para baixo.

Ord. 5 *Zoogona*.—Numero completo de membros não produzido no ovo. Embrião Zoa (A maioria dos Podophthalmos).

Ord. 6 *Ametabola*.—Numero completo de membros produzido no ovo. (*Astacus*, *Gecarcinus*, *Amphipodes* menos *Hyperia*?)

Esta amostra basta Quanto mais progredirmos em detalhes n'este sentido, tanto mais brillantemente, como pode ser facilmente imaginado, resaltar a naturalidade de arranjos como este, mais evidentemente para nós.

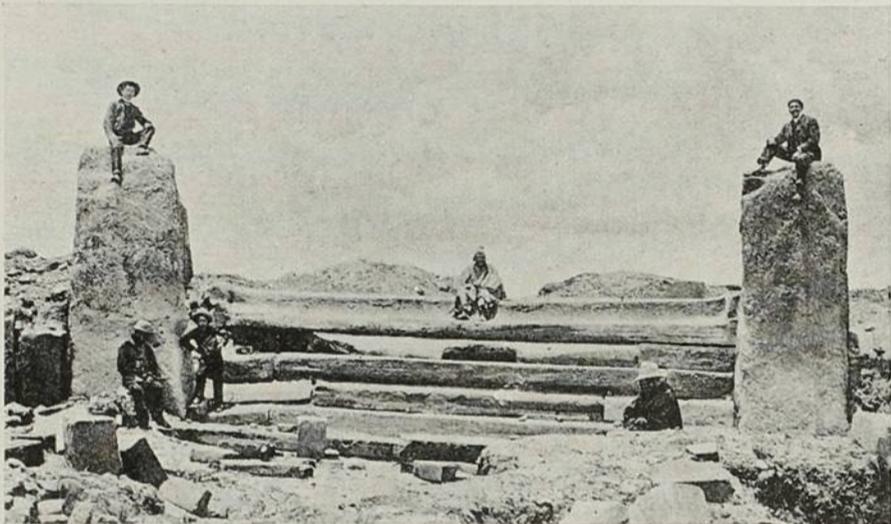
Tudo bem pensado, podemos applicar o juizo que Agassiz emittio sobre a theoria de Darwin, com justiça muitissimo maior, ás proposições que acabamos de examinar:—“Theoria alguma” diz elle, “por mais plausivel que pareça, póde ser admittida em sciencia, sem que esteja baseada em factos.”

FRITZ MULLER.



## TIAHUANACU

**A** VINTE kilometros do porto boliviano de Guaqui, nas margens do lago Titicaca, a linha ferrea que liga esse porto á actual capital da Bolivia entra em uma vasta planicie que mede aproximadamente, de leste



RUINAS DE TIAGUANACU — BOLIVIA

a oeste, quinze kilometros de extensão ao sul daquelle lago.

O olhar do viajor curioso que pela primeira vez atravessa essas regiões é surpreendido, ao entrar nessa planicie, por um panorama imprevisito, no meio daquellas paragens desertas. A uns 200 metros da linha ferrea e um pouco aquem da povoação, cujo modesto campanario se desenha finalmente no azul do céu como um fundo de aquarella, ergue-se uma collina de forma pyramidal, ao redor de cuja base se alinha uma fileira de pedras talladas como os *menhirs* de Carnac ou os *cremlechs* da Bretanha, formando um recinto quadrangular. A collina mede cincoenta metros mais ou menos de alto e é formada por terraplenos concentricos, sustentados por muros massiços. Ao norte dessa collina vê-se um grande parallelogrammo, rodeado de um atrio feito com enormes blócos de traquito e a oeste ha uma outra construcção tambem de forma parallelogrammica, formada de muralhas de consideravel tamanho. Ao lado o bem proximos da linha ferrea levantam-se dois monolithos enormes, que a mão de um esculptor ignoto revestiu de extranhas fórmias humanas, envoltas em largas

vestes talaes, recamadas de ornamentos phantasticos. Esses mysteriosos idolos de pedra plantados á margem da linha, em attitude hieratica, parecem maldizer a locomotiva que passa ruidosamente, despertando-os do seu somno millenario e em suas faces mysteriosas, carcomidas pelo tempo, ha como que uma ameaça perenne ás novas gentes, ao invasor descuidoso e irreverente, que veiu devassar aquellas regiões sagradas.

Esparsos ao acaso pela planicie jazem grandes blócos de pedra tallada, molduras, portaladas colossaes, como se alli existira, em épocas remotas, uma officina immensa, subitamente abandonada.

Que outra Ninive, não sabida da tradição, teria existido alli e cujos destroços mal se dissimulam debaixo da collina artificial que oscobre como os *tells* das ruinas chaldaicas?

Que segredos encerram essas testemunhas megalithicas de uma civilização morta desde remotissimas éras?

Um escriptor que visitou essas paragens, pouco depois da conquista hispanica, colligiu a seguinte lenda, relatada pelos sacerdotes incaicos:

«O Creador viveu em Tiahuanacu; dahi os formosos edificios que existem nesse lugar. As trevas cobriam a terra, quando elle creou o Sol e a Lua, mandando-os para a ilha de Titicaca, para dalli subirem aos seus respectivos logares no céu. Tambem creou o primeiro Inca e, quando o Sol subiu ao céu, chamou o pri-



Ruinas de Tiaguanaçu. Bolivia

RUINAS DE TIAGUANACU — BOLIVIA

meiro Inca e ordenou-lhe que fôra o dono do mundo. Ao mesmo tempo o Creador fez com que o primeiro Inca e sua mulher baixassem á terra e sahissem novamente da cova de Pacaritambo. Os antepassados das outras tribus



do Imperio foram igualmente creados em Tiahuanacu e, descendo á terra, dirigiram-se ás suas respectivas comarcas.»



PORTA DA IGREJA DE TIAHUANACU — BOLIVIA

Essa é a tradição incaica que colloca em Tiahuanacu a origem do seu Imperio.

Estudos posteriores, porém, parecem comprovar que a metropole cujas ruínas cyclopeas tanto têm preocupado os historiadores, desde Cieza de Leon até Bartolomé Mitre e outros mais recentes, já existia quando Manco-Capac, o primeiro Inca e sua mulher Mama-celo, sahiram da ilha de Titicaca para fundar o seu Imperio, tendo sido o primeiro passo da sua conquista essa cidade immemorial que guarda hoje na mudez dos seus vestígios majestosos o segredo de varios stagios do apparecimento do homem na Terra.

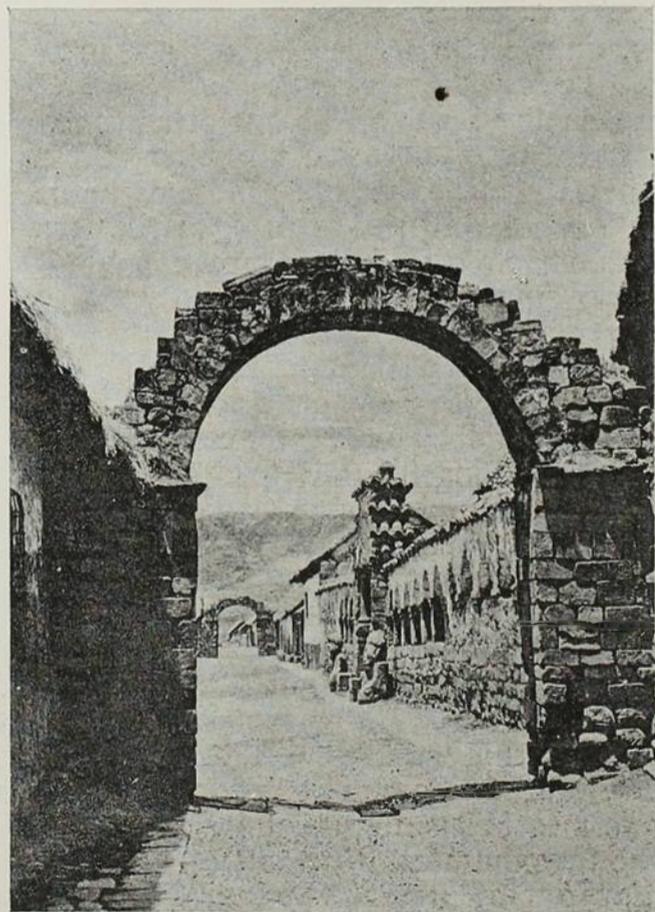
«Os escriptores hispanicos, diz um moderno historiador, dão uma origem incaica a tudo, quando a historia dessa época apenas começa no seculo XI, e desde essa data até a conquista ha deficiencia e nada dizem de muitas dessas obras. Dado como certo que o templo do Sol em Cuzco seja de origem incaica, devemos convir que elle representa o ultimo dos cinco estylos architectonicos visiveis nos Andes, representando cada um provavelmente uma época do progresso humano. Pode ter-se a certeza de que as imperiaes glorias dos Incas eram tão somente o ultimo fulgor de uma civilização cujo berço datava de milhares de annos atrás; que muito antes de Manco-Capac os Andes foram a morada de raças cujas origens devem

ter sido coetaneas dos barbaros do Occidente da Europa.

Essa architectura gigantesca é o vestigio de uma raça ou familia cyclopea, a mesma que fundou o templo de Babel e as pyramides do Egypto.»

Ha mesmo quem creia, hypothese audaciosa e phantasista, que as primeiras construcções megalithicas da metropole americana das margens do Titicaca são contemporaneas do periodo carnaccano da Europa e que os veneraveis picos do Illimani, do Illampu e do Huayna-Potosi contemplaram os movimentos do povo que habitou a velha Tiahuanacu muito antes que existissem Memphis, Ninive e Persepolis.

A Atlantida de Platão, o fabuloso continente que se occultava por detrás das columnas de Hercules, não é para os que crêm nessa hypothese imaginosa, uma lenda apenas creada pelos sacerdotes egypcios e divulgada pelo philosopho grego. A Atlantida existiu realmente, dizem os partidarios dessa hypothese, e era seu centro a região onde está Tiahuanacu. De modo que as narrações de Deodoro de Sicilia, de Teopompo, de Timageno, de Herodoto, de Dionisio de Mytilene, de Plutarco, etc., referentes a esse continente fabuloso, vieram ter a sua con-



TIAHUANACU — BOLIVIA

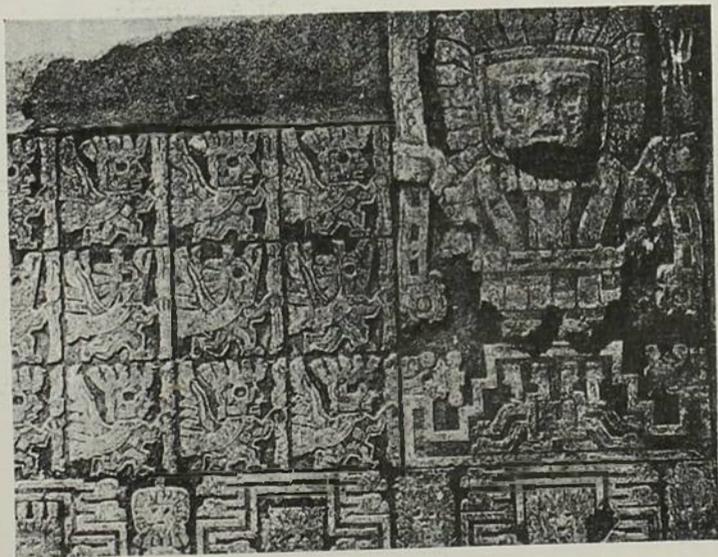
firmação. Esse continente não podia deixar de encontrar-se na *meseta telegraphica* andina.

Deixemos de parte, porém, essa theoria, cuja probabilidade é muito duvidosa e vejamos o que nos revelam os actuaes vestigios da mysteriosa cidade americana. " "

Os grandes blócos de pedra talhada, que hoje se veem esparsos em criminoso abandono, são trabalhados com uma perfeição admiravel. As ferramentas que se têm encontrado nas ultimas excavações, são de bronze temperado, que mal poderia servir para lavrar a dura pedra de que são feitos alguns dos obeliscos, idolos, as columnas do Palacio e as pedras fundamentais de Tunca-Punco. Essas pedras foram extrahidas de uma serrania que está a S. S. O. de Tiahuanacu.

As portas do Pantheon e outras, assim como os monolithos que se encontram em Puma-punco, são trabalhados com tal perfeição que hoje mesmo o mellhor canteiro, dispondo de ferramentas do melhor aço, não os faria mais perfeitos. Essas pedras são de origem vulcanica. e encontram-se, a uma distancia de oitenta kilometros, em um vulcão extincto do isthmo de Yuguyu, no lago Titicaca, vulcão a que os indios denominam Japia ou Khaya-ppiha.

Entre os diferentes monolithos, o mais im-



UMA PARTE DA PORTA DO SOL - TIAHUANACU - BOLIVIA

portantante é a Porta do Sol que mede dois metros e noventa centimetros de altura, por

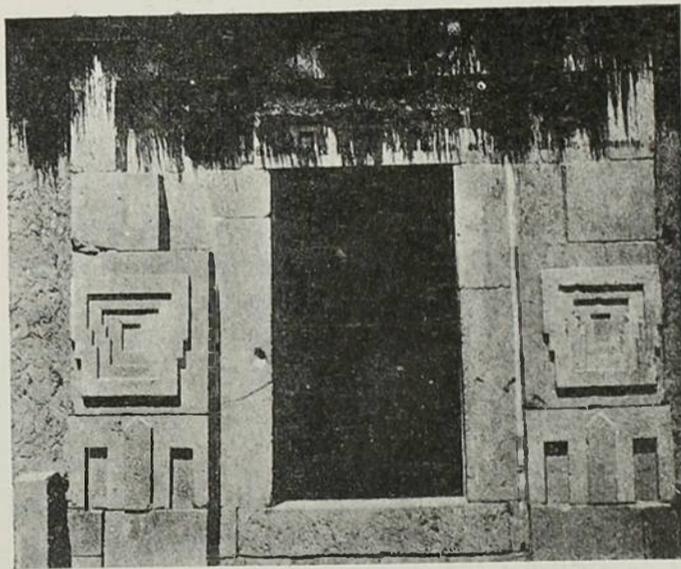
tres metros e oitenta centimetros de largura e quarenta centimetros de espessura. O peso aproximado desse monolitho é de dez toneladas. Essa porta está quebrada no angulo da esquerda, crê-se que por um raio. Collocada em uma posição que faz com que a sua frente



RUINAS DE TIAGUANACU — BOLIVIA

esteja voltada para o Oriente, ella apresenta na parte superior uma serie de baixos relevos, adornos e figuras symbolicas cuja interpretação não foi descoberta até hoje. No centro e como chave vê-se uma figura maior que parece representar o sol com a cabeça circundada de raios. Nas mãos elle tem dois sceptros tambem symbolicos. A pri-

meira fila de figuras que se vêm aos dois lados da figura central representa reis alados, empu-



PORTA DA DENOMINADA CASA DOS INCAS.  
"TIAHUANACU" - BOLIVIA

nhando cada um o seu respectivo sceptro. A segunda fila representa condores e na terceira veem-se os mesmos reis alados da primeira. Na ultima fila ha como uma grega entremeada de cabeças rodeadas de raios.

Castelnau, referindo-se á perfeição dessas esculpturas em pedra, diz: «As gentes do paiz contam as historias mais maravilhosas a respeito dessas obras; segundo essas gentes os antigos povoadores tinham o segredo de amol- lecer a pedra com certas hervas; apesar dessa tradição é difficil explicar-se como puderam



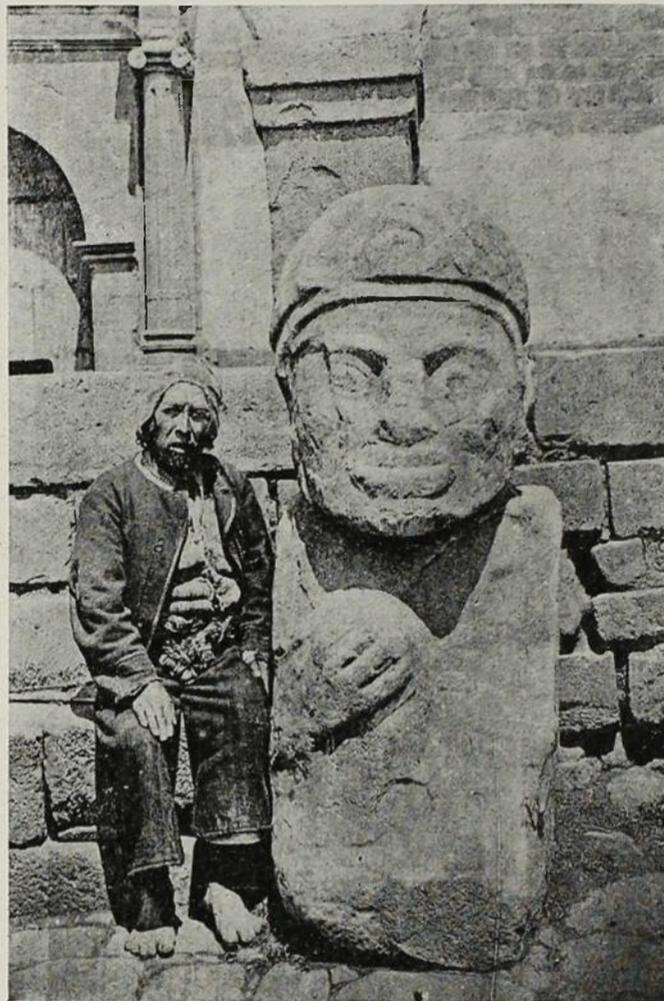
desprender e transportar a tão grandes distancias pedaços de pedra tão pesados.»

Um engenheiro que ultimamente estudou a petrographia de Tiahuanacu aventou a idéa de que essas esculpturas fossem feitas com lavas ardentes dos vulcões visinhos, vasadas em moldes préviamente talhados e, para comprovar

Nas excavações praticadas em 1903 pela missão franceza presidida por d'Orbigny e pela



GRANDE MONOLITHO NO FORUM DE TIAHUANACU. BOLIVIA



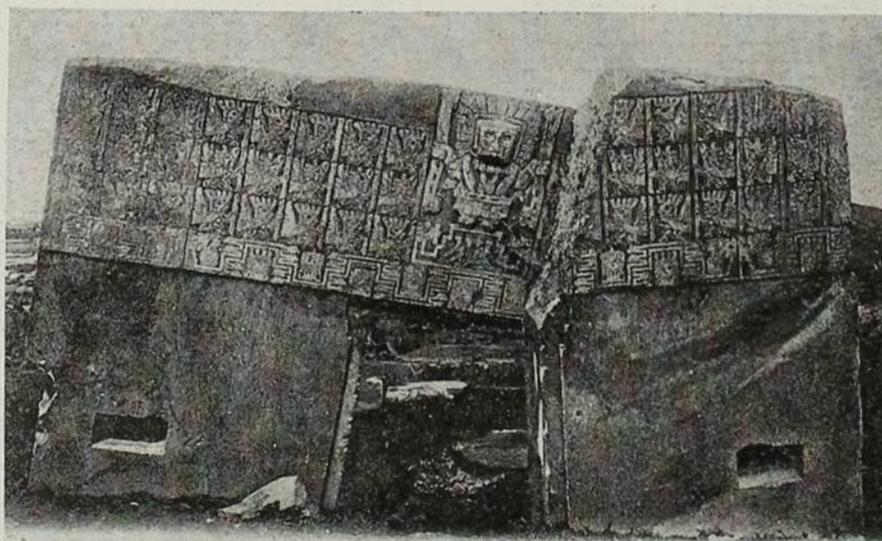
RUINAS DE TIAHUANACU. BOLIVIA

essa hypothese, cita o facto de se encontrarem nas ruinas fôrmas que indicam haverem servido para a fundição das estatuas e idolos.

E' notavel a semelhança dos adornos, das vestes e dos toucados desses idolos com as estatuas encontradas nas ruinas chaldaicas de Tello, nas ruinas assyrias de Korsabad, nas ruinas persas de Persepolis e em outros vestigios da archeologia oriental que se vêem hoje nos museus do Louvre e Britannico. Em todo o continente americano parece que só se vêem monumentos analogos nas ilhas do Pacifico e no resto do mundo só no Egypto e nas regiões outr'ora occupadas pelos imperios assyrio e chaldaico.

Sociedade Geographica de La Paz descobriram-se innumeros restos de edificios, monolithos soltos, pilares, escadarias, galerias, vestigios enfim de uma grande cidade e, o que é mais notavel, restos do molhe ou embarcadouro sobre o porto, o que parece provar que o lago Titicaca banhava a cidade, hypothese esta que têm a sua confirmação nos estudos feitos ultimamente sobre o abaixamento progressivo das aguas do lago. Com effeito, parece haver-se verificado que o

rio Desaguadero é como um ladrão das aguas do Titicaca e que povoações que estavam outr'ora nas suas margens encontram-se hoje a varios kilometros dessas margens. Esse facto



A PORTA DO SOL — TIAHUANACU — BOLIVIA



tem sido corroborado pelas gerações contemporaneas. Quem sabe, pois, si esses colossaes blócos de pedra de Tiahuanacu não foram transportados por via lacustre?

O mesmo Castelnau acima citado, notando que todas as construcções obedeciam a um sentimento religioso, assignalou o estreito parentesco e semelhança que tem com a arte creada pela civilisação asiatica e, especialmente, a civilisação egypcia.

O que desde logo, porém, chama a attenção do observador attento é que esses monumentos não podem ser todos de uma mesma época; muitas das pedras talhadas não estão concluidas, o que parece indicar que um advento qualquer obrigou os canteiros a abandonar o seu trabalho. Essas obras não concluidas devem

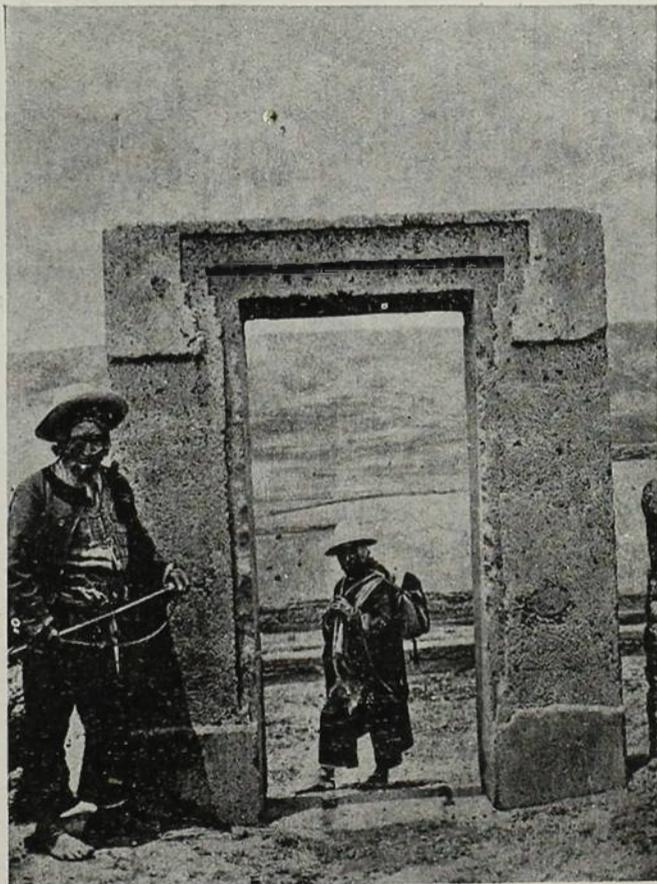
soldados bolivianos (!) E' facil, por exemplo, verificar-se que os baixos relevos da Porta do Sol e as estatuas de Akapana não obedecem ao mesmo ideal artistico que inspirou o esculptor dos dois gigantes que estão actualmente aos dois lados da porta da igreja da povoação.

Rasão tinha, pois, Mitre, quando disse: «Tudo indica que as estatuas e as obras congeneres das ruinas são mais antigas que os monolithos e os idolos. O primeiro indicio é o estado de maior deterioração em que se encontram aquellas pela acção do

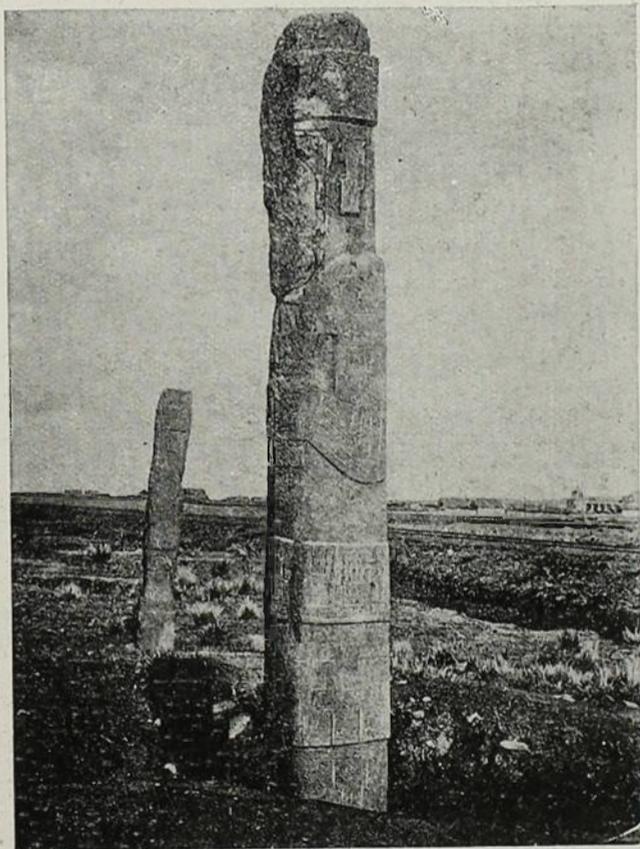
tempo, apesar de que se póde explicar essa deterioração pelo facto de serem feitas com material menos duro (grès arsenico) Essas obras, porém, constituem uma excepção no estylo escultural de Tiahuanacu. Como negar-se, po-



VISTA DE PUMAPUNKU — TIAHUANACU — BOLIVIA



RUINAS DE TIAGUANACU — BOLIVIA



GRANDE MONOLITHO DE ASPERON COLORADO.  
TIAHUANACU — BOLIVIA

pertencer á ultima phase da vida de Tiahuanacu. Não são tambem do mesmo material petreo as estatuas gigantescas, que ultimamente serviram de alvo para exercicios de tiro dos

rém, quando é um facto attestado pelas mesmas pedras que eram as obras do Templo, da casa de Justiça e do Sanctuario as que occupa-



vam os seus desconhecidos constructores quando, por uma causa historica ignorada, foram suspensas no estado em que as encontraram os Incas e como se acham hoje? Tudo indica, pois, que aquellas estatuas pertenceram a uma civilisação egualmente extincta, mais antiga, porém, que a que representam as ruinas de Tiahuanacu propriamente ditas.»

Sejam quaes forem finalmente as origens dessas ruinas que a tantas e tão variadas hypotheses têm dado thema e que ainda hoje, apesar de quasi consumidas pela acção destruidora dos tempos, attrahem a admiração dos

que as visitam e provocam a curiosidade e os estudos dos sabios, a verdade é que ellas não decerraram ainda o veu do seu mysterioso passado e reservam, no seu imponente mutismo, novos e imprevisos problemas para as gerações vindouras, problemas esses cuja solução virá talvez alterar por completo as doutrinas hoje dominantes, relativas ao apparecimento do homem na terra.

*La Paz - 1907.*

ARMINIO DE MELLO FRANCO.



## Inauguração da Estrada de Ferro de Goyaz

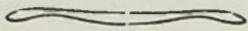


REPRESENTANTES DA IMPRENSA, MEMBROS DA DIRECTORIA E CONVIDADOS NA PLATAFORMA DA ESTAÇÃO DE RIBEIRÃO VERMELHO.



## BUENOS AIRES

CALLE FLORIDA — RUE DE LA PAIX — POEMA DO  
LUXO — UM POUCO DE AR PURO! — CHÉ,  
COCHERO! — Á PALERMO!



### II

COMO a rua das Palmeiras não tem uma palmeira, a calle Florida não tem uma flor. E' uma bella via de communição que se estende desde a Avenida de Mayo até a praça de San Martin em cujo centro se ergue a estatua equestre do celebre general. Um pouco antes ha um pequeno largo com o monumento de Falucho. De um lado e outro da rua alinham-se incontaveis e deslumbrantes lojas do mais refinado luxo, joalherias comparaveis ás melhores de Londres e de Paris, riquissimas tendas de objectos de arte, casas de modas e novidades, atraentes como o imán, tentadoras como o pecado. De vez em quando surge um edificio notavel como o palacio da familia Guerrero, o Jockey-Club, que em nada fica a dever ao Cercle da rue Royale e o Grande Hotel; centenas de carruagens e de automoveis deslisam silenciosamente no pavimento macio; outras ruas atravessam-na em cada esquina, longas, immensas como fitas desenroladas. A calle Florida é talvez no aspecto cosmopolita de Buenos Aires o trecho mais caracteristico, de mais acentuada fisionomia nacional. O estrangeiro volta á avenida de Mayo para marcar mais fortemente uma impressão, para verificar um detalhe; mas volta á calle Florida sem nada ter que fazer, só para rever a calle Florida. Não admira, pois, que os Argentinos não passem maravilhados em Paris ante o esplendor das lojas da rue de la Paix. A calle Florida é a rue de la Paix, maior e mais bonita, ostentando o mesmo chamariz ao oiro dos millionarios. E o oiro dos millionarios parece infinito na visinha Republica; entre os Argentinos as fortunas se espalharam mais largamente do que entre nós, os nacionaes foram tanto ou mais aquinhoados do que os estrangeiros, de modo que no fim foi a cidade quem mais lucrou. Não se deu lá o espectáculo extravagante de outras cidades onde os cidadãos são pobres e as colonias ricas. Os donos da terra disseram: «O paiz é rico e nós não conhecemos as suas riquezas nem o modo de exploral-as. Vocês vão nos ensinar isso. Metade para vocês, metade nossa. Mas quem manda somos nós!» Dessa maneira um grão de areia póde ser uma moeda de oiro. Foi assim que se fez

a fortuna de Buenos Aires, dessa immensa metropole, cujo desenvolvimento deve assombrar, pois della escrevia o padre Cattaneo em Abril de 1730, ha menos de dois seculos:

« Las casas son bajas, de un solo piso, la mayor parte fabricadas de tierra cruda; consisten, por lo generale, en cuatro paredes de formula rectangular, sin ventana alguna ó á lo sumo con una, tomando la luz de la puerta.»

Esse respeito pela cidade não é só dos estrangeiros que vivem em Buenos Aires, mas tambem daquelles que, residindo na Europa, teem negocios com o paiz. Uma vez o dono de uma livraria da calle Florida, sabendo-me Brasileiro, elogiou a nossa cultura intellectual, assombrou-se, deante de documentos que elle me mostrou, do lucro colossal de uma grande livraria do Rio de Janeiro. Eu ouvia e calava, folheando um volume das obras illustradas de Balzac, a tres francos e cincoenta, edição publicada por Ollendorf em 1902 e que ainda não chegou ao Brasil! E como eu olhasse apaixonadamente as lindas encadernações de luxo como só vira em Paris, o amavel Francez continuou:

— Nós recebemos tudo, absolutamente tudo quanto aparece na Europa. E temos as melhores machinas para fazer aqui edições de primeira ordem. Mas no Rio deve ser a mesma coisa.

— Ah! sim, com certeza... respondi eu, lembrando-me com melancolia de que os livros de Machado de Assis levam um anno imprimindo-se em Paris por typographos e compositores estrangeiros...

\* \* \*

Na rua passava um fiacre vazio; então, para afugentar essa melancolia, mandei tocar para Palermo. Momentos depois o carro rodava na avenida Alvear, de um lado e outro bordada das mais bellas e elegantes residencias de Buenos Aires. Actualmente existem muitos palacetes em construcção; deante dos andaimes tem-se uma explicação de todo o luxo da cidade e do bom gosto das vivendas particulares. No Rio, por exemplo, um millionario levanta um palacio, colloca ao acaso uns papeis carissimos nas paredes e compra *à la diable* uns moveis doirados e detestaveis de um gosto convencional, e adquire quadros como quem compra legumes. O resultado é um conjuncto carnavalesco e disparate que incommoda os olhos habituados á harmonia das coisas. Em Buenos Aires (como em S. Paulo) as casas nobres são decoradas pelos mais habeis e afamados decoradores de Paris e Londres. E assim como um artista que tem o amor cultural do livro não colloca na sua bibliotheca uma obra



que destôe do conjunto, um proprietario de gosto não extende na sua sala um tapete, apenas por ser bonito. E' um engano supôr que as installações que abedecem a determinados estylos custam mais caro. E' evidente que um homem sem fortuna não pôde sonhar em fazer o seu salão a Luiz XV; mas entre Luiz XV e Renascença e a confusão horrorosa do luxo barato, ha uma escala infinita de meios termos e meios tons. E' como quem manda fazer uma roupa: não se paga mais por um terno espalhafatoso do que por um discreto. E quem não puder ter a sua casa arranjada de accordo com um estylo, tenha ao menos de accordo com um plano, sem pretensões mas tambem sem as barbaridades impingidas pelos negociantes. Mas esbatem-se na lembrança as idéas dos interiores elegantes ante a contemplação dos formosos jardins da Recoleta, relvados como um parque, sombrios como um bosque, com curtos despenhadeiros de grama verde e estatuas brancas entre a folhiagem.

\* \* \*

Palermo é a joia mais brilhante de Buenos Aires, representa o mais nobre esforço da sua civilisação porque é um dos parques mais bonitos do mundo pelos seus jardins, os seus monumentos, os seus pavilhões, os seus lagos, a sua flora exuberante, a sua extensão e o seu luxo. No local onde outr'ora se levantava a casa de Rozas é hoje o magnifico *roud-point*;

e de todo o immenso charco surgiu como por encanto um vastissimo e delicioso parque onde se realisa diariamente, na avenida das Palmeiras, o sumptuoso curso da elegancia portenha. O que mais encanta, porém, em Palermo não é o alinhamento geometrico das avenidas varridas e irrigadas, não são as estatuas dos herôes patricios, não são os hypodromos nem os tiros, não é o festivo Pabellón de los Lagos que lembra o de Arminouville: o que mais encanta é o bosque, são os caminhos propositadamente silvestres, o ar e o aspecto da natureza, os immensos relvados onde as meninas, como borboletas irrequietas, divertem-se jogando o diavolo. E' em Palermo que se tem pela primeira vez em Buenos Aires a impressão da natureza, é lá que se está mais directamente em contacto com a terra; é lá que olhando as velhas arvores, vendo a sombra que fazem no caminho, a gente se lembra da sombra que ellas fizeram outr'ora, das dôres e das alegrias que cobriram, das lutas a que assistiram. E' só então que surge a idéa do passado, um passado que tambem foi como o nosso, que foi mesmo o vosso muitas vezes, glorioso e sinistro, e que por isso mesmo mais nos deve sinceramente, fraternamente unir como as raizes das velhas arvores de Palermo que crescem confundindo as cimeiras, sem ironia pelas folhas secas, sem ciume pelas folhas novas.

*Montevideo — Abril de 1908.*

THOMAZ LOPES.



## A Intellectualidade na Argentina e no Brazil

AOS olhos curiosos de viajantes illustres, já a Argentina se apresentou como um aspecto novo da civilização do Occidente. Ao visitarem a America, homens como Ramalho Ortigão, sentiram que no seio daquelle povo ha uma grande alma que se agita e se affirma poderosamente, alma rejuvenescida, cheia de valor e de coragem que salvam na historia, incendiada da grande fé que gera os nobres heroismos; alma de raça que se destacou em a corrente e cresce, vigorosa, para as expansões triumphaes da Vida.

E' — com certeza — que taes observadores notaram mais intensamente accentuados ás margens do Prata, phenomenos que são geraes ao continente, e até constituem a caracteristica da civilização que se individualisa e se desenvolve no Novo Mundo.

Não duvido em attribuir essa intensidade vital á extraordinaria amplitude que ali se deu á acção da imprensa — o grande poder soberano incontrastavel — que, ligando por um nexos de luz as consciencias, instituiu os fundamentos da vida collectiva, pela communhão perfeita e universal dos corações e das intelligencias. De facto, na Republica Argentina é a imprensa, entre as manifestações de vitalidade daquelle povo, o que representa mais directamente o espirito americano

Em toda a America hespanhola, incontestavelmente, o povo argentino é, até agora, o que melhor comprehende e pratica a democracia na sua fórmula nova, decorrente da moderna ordem social neste lado do Atlantico.

Quando medito na obra gigantesca em que se consagra o povo argentino, o meu espirito se remonta aos tempos épicos da sua historia, ao glorioso periodo da sua independencia — conquista immortal de uma geração, que alvoreceu, se revelando toda nos heroismos e assignalando logo a trajectoria immensa que a nacionalidade nascente tinha de seguir.

E, então, se me afigura que, no seu amor da Patria, na sua paixão da liberdade politica, nos alvoroços do seu liberalismo, nos seus ideaes de justiça, nas suas aspirações de progresso, — aquelle povo está vivendo de seus heroes, dos nomes da sua historia.

Quer me parecer que anda latente no peito daquelle sociedade o espirito alevantado de

Belgrano, insaciavel de justas contra o despotismo colonial, a espalhar em toda a antiga vice-realeza a semente fecunda da independencia, e a se compensar das capitulações inevitaveis da força pela victoria das idéas que lhe incendem a alma. Estou vendo como que a planar, sobre aquelle sólo, o vulto grandioso do soldado que se chamou San Martin, patriarcha dos povos, creador de Garibaldis futuros, cuja patria não tinha fronteiras, e que tanto nas savanas do Prata, como além dos Andes, em Maypóe, em Caláo, ia, com a espada flammejante, affirmando á face do Velho a existencia politica do Novo Mundo.

Ora, quero crer que a felicidade e a grandeza dos argentinos se filiam nas origens historicas da sua nacionalidade, formada por homens de semelhante estatura, em cuja consciencia só fulgurou o amor do direito e da justiça, e cuja acção em toda a sua vida, obedeceu cégamente a esses nobilissimos idéaes. Orientados assim, comprehendendo que no continente a liberdade politica e civil só é conciliavel com a verdadeira democracia, os argentinos tiveram a fortuna de crear — por assim dizer — uma força nova, um poder que se tornou como que um systema nervoso do seu organismo social e politico, dando á sua imprensa as proporções de uma instituição suprema, architrave de todo o edificio construido. Em paiz algum do continente, portanto, o espirito popular tem vitalidade mais larga, uma consciencia mais perfeita de si mesmo e uma fortaleza mais inquebrantavel. E é por isso que, entre as nacionalidades da America latina, a existencia dos nossos vizinhos é um facto quasi excepcional: o regimen democratico ali é o producto immediato desse grande factor — a imprensa — no qual se consubstanciam todos os factores organicos da nacionalidade.

O Mexico tem os seus estadistas e os seus patriotas, os seus homens de governo e os seus historiadores: é uma terra dolorosa que o amor da liberdade constitue numa especie de Patria do Martyrio; a redempção politica já leva quasi um seculo a se fazer pelo sangue e pelo sofrimento de seus filhos, desde a figura incomparavel de Hidalgo, ou de Morellos, ou de Guerrero, até a de Juarez; Venezuela e Colombia crer-se-ia destinadas a transmittir aos vindouros pedaços de almas de raças extinctas, sonhadoras como orientaes, idéalistas como zingaros estatelados ante os espectaculos extranhos que vão desvendando: — ali a poesia floresce e é a nota solemne da vida; ali, onde aquelle grande genio que viveu das convulsões do seu grande peito de americano — o glorioso Bolivar tambem soubera sonhar, ha uma imagem que não se cancella da imaginação popular e que parece destinada a fundir eternamente nas almas que



amam a patria, as almas que amam a flor da vida: aquella pura e sublime Salavarieta. O Chile tem os seus Lastarria na philosophia, os seus Balmaceda na politica, afóra os seus grandes capitães e seus incomparaveis marinheiros.

Mas em nenhuma dessas republicas ha uma face dominante no modo de ser da collectividade, um signo vivo das tendencias geraes e do vigor e excellencia da raça. Em nenhuma dellas se encontraria uma instituição matriz, um como reflector que nos dêsse o que nos dá na Republica Argentina a sua imprensa — a expressão exacta, concreta e tangivel do espirito nacional e, portanto, toda a vida politica fundada no culto da opinião.

E só quem observa é que pôde explicar como, enquanto outros povos americanos têm os seus poetas como Venezuela e Colombia; os seus patriotas como o Mexico; os seus estadistas como o Chile; ou, como nós outros, os brazileiros, uma cultura mais geral, — os argentinos têm os seus jornaes.

Sem duvida, isto não quer dizer que a intellectualidade argentina se limite a semelhante esphera de manifestações; mas sim que a imprensa é a manifestação mais distincta e mais relevante de toda a sua cultura. Ali, onde Rivadavia, já em 1822, decretava a liberdade de imprensa, os homens publicos se fazem no jornal. Citar os Varela, Avellaneda, etc., seria fazer uma lista interminavel de nomes de que se gloria a Argentina. Basta dizer que lá, nos pampas, o homem de guerra é homem de imprensa, e que a mão que empunha a espada nos campos de batalha, maneja a penna e conquista loiros nas luctas da palavra: ahi está o vulto veneravel de Mitre, em cuja frente não se sabe o que mais resplandeça — si o fulgor das victorias, si as claridades serenas do pensamento. E quasi que exclusivamente da imprensa surgiu essa galeria de homens superiores, que são o orgulho e o patrimonio moral da terra de Sarmiento.

Não assim entre nós, onde por mais de uma vez deante da honra da Patria, melindrada, os nossos jornaes têm semelhante uma dolorosa fileira de divindades algemadas. Raro um homem politico de hoje, cuja alma se tenha educado entre o arruido dos prélos e a agitação tumultuaria das luctas da palavra escripta.

De outra maneira, e bem differente, se têm relevado as manifestações da nossa pujança intellectual. Somos, ou por uma fatalidade ethnica, ou por motivo das caricias de um céu sem igual, ou pela participação da alma com esta natureza grandiosa e subjugadora, um povo antes de tudo de poetas. Assim, máo grado a existencia de chronistas deliciosos, de romancistas de amplas ecclosões e de tribunos e oradores parlamentares sem superiores

nos tempos modernos, — é na poesia que o vigor e a excellencia do nosso espirito mais intensamente tem brilhado. D'ahi tambem o nosso alheamento por essas formidaveis correntes de ambições que, como um fluxo irreprimivel, tem invadido a alma de quasi todos os povos do planeta. D'ahi a nossa superioridade affectiva e a nossa inferioridade sob todos os aspectos industriaes da vida.

Um povo de poetas deve ser estudado como um poeta; e, entre nós, até mesmo aquelle que mais gabos reclame para a positividade do seu espirito calculado e frio, edifica sobre sonhos o castello das suas especulações.

Mas não vem a molde o estudo da poesia anonyma, rapsodica, caracteristica das multidões. O que é reclamado é o estudo do poeta em si, a sua acção e a sua influencia no meio em que exercita suas faculdades creadoras.

O poeta é a expressão do sentimento humano, da sua fórmula ethnica, nacional, regional, ou até mesmo morbida, em referencia á feição moral dominante em determinadas épocas. E' a harpa pendente e tangida pelos ventos anonymos das edades, ora encordoada de oiro fino e puro, ora de argentinas fibras delicadas, ora revestida de sonoras placas de bronze para cantar, respectivamente, as grandezas moraes da collectividade, as emoções suaves e ingenuas da emotividade lyrica e as sublimidades da religião, da Patria, da civilização. Taine, sujeitando-o a um processo critico, define-o como o mais alto representante das épocas: — o homem synthese, por meio de cuja obra se reconstitue e se explica o modo de sentir e de pensar das differentes edades historicas, a origem, o desenvolvimento e a logica dos acontecimentos e factos humanos e sociaes. Assim, em qualquer tempo, realisada, embora, a idéa de Platão, que queria coroal-o ás portas da cidade, cumulal-o de honras excepcionaes, mas impedil-o de penetrar na cidade e de co-participar das coisas da Republica, o poeta é, foi e será, para toda a eternidade dos seculos, a imagem syncretica desses seculos e dessas republicas, no que elles têm de mais glorioso, de mais nobre, de mais elevado, de menos humano, de menos ephemero, e de mais divino, portanto, com a affirmação espiritual do homem sobre a terra.

De accordo com as leis modernas fixadas pelo mesmo Taine e os grandes criticos da sua escola, é hoje ponto fóra de duvida a acção subjectiva do poeta sobre o seu meio social.

Compare-se-o ao pintor, ao musico, ao esculptor. O pintor é o imitador inspirado de uma parte da obra perfeita de Deus; o musico é o artista que surprehende o laço de harmonias que prende as almas, isto é, o mundo da idealidade ao Universo objectivo — que é o

## KÓSMOS



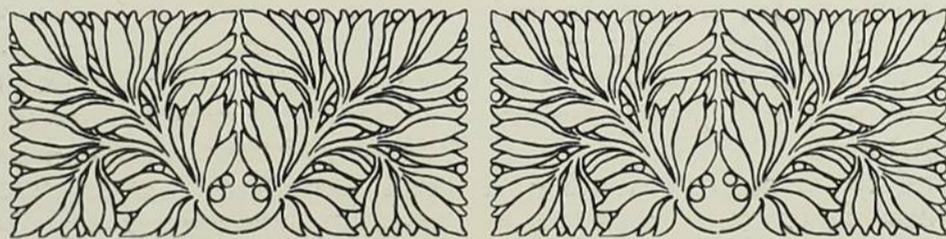
mundo da realidade cosmica e social; o esculptor é o artista que toma da pedra tosca, informe e bruta, e a transforma na estatua, que é o homem perfeito, e talvez o santo que se póde pôr no altar; mas o poeta é, ao mesmo tempo, pintor, musico, estatuário, quer dizer, o interprete sublime no desempenho de um grande sacerdocio moral, decifra em rimas todas as subtilezas lyricas e apaixonadas das almas. Lyricas e apaixonadas, diz um venerando e santo pensador, — e divinas — se póde accrescentar. Divinas, porque são arrancadas do mysterio profundo e insondavel do espirito, da parte immaterial do organismo, do substractum invisivel e imponderavel, mas latente, activo e energico, que constitue o fluido luminoso da vida. Que perdôe, do esplendor da gloria em que fulgura, o ir em pouco além da sua opinião esse estupendo frade, que se chamou — Antonio Vieira — o insigne prégador sagrado que, si pontificasse em qualquer das lingas fundamentaes dos diversos cyclos da civilisação, teria, sem duvida, uma reputação universal, elle que falava a linguagem dos semi-deuses da palavra, desde Homero a Victor Hugo, e que seria reputado rival de S. João Chrysostomo, o bocca de ouro, por exemplo.

O que se póde affirmar, é que são inconfundiveis, entre si, os gigantes que formam a colossal cordilheira da nossa poesia. Qual immortalisa as nossas florestas, com os seus rios

largos e seus ruidos mysteriosos; qual é a organização vulcanica, o plectro de sonoro bronze temperado; qual tem a estrophe sentida e unigida de lagrimas; qual é a poesia em sua feição ingenua e quasi primitiva; — mas todos, ou cante este a natureza, ou celebre aquelle a pompa do céo, ou os arcanos da alma, tem a sua nota propria e a sua individuação destacada.

Assim, si a civilisação na sua marcha evolutiva não demudar a face do planeta e não obliterar as facultades estheticas no fundo da consciencia humana, póde-se affirmar que, apesar da nossa indiferença por todos os reclamos e todas as exigencias do progresso e da civilisação, mesmo retalhados em pequenas porções territoriaes ou absorvidos por um forte, (e esta sombria previsão já anda a fazer móssa em muitos espiritos) embora um povo sem forças, sem energia, sem riquezas, sem ambições fortes, ou querer resolutivo, — havemos de atravessar os tempos, vivendo e cantando na obra de nossos poetas como a Grecia antiga, que é um dos mais altos documentos do espirito humano, tem imposto até hoje, ás diversas civilisações da historia, o carinho cultural da grandeza artistica dessa Hellade fulgurante, sobre a qual, em vão, se sudarisam os annos e se amontôam os seculos.

LEONCIO CORREIA.



# NO EXTREMO ORIENTE

PELO

Capitão Moreira Guimarães

Adido militar do Brazil no Japão

durante a guerra russo-japoneza



Acha-se á venda na Rua da Assembléa, 62

E em todas as Livrarias

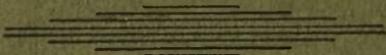
RIO DE JANEIRO



# O 1º RELOGIO DO MUNDO



Unico representante para todo o Brazil: A. CAMPOS

**CASA STANDARD**  **OUVIDOR 72**

Venda sem accrescimo algum por meio de CLUBS

GRANDE NOVIDADE

CLUBS

DE PIANOS RITTER



Inscrições na

**CASA STANDARD**

Ouvidor 72

12\$000 POR SEMANA

O melhor piano pelo menor preço

O PRIMEIRO CLUB DE PIANOS NO BRAZIL